

# ALLA

Academia Louveirensense de Letras e Artes

## X COLETÂNEA

Poemas - Crônicas - Contos - Ensaaios - Artes



*Versam*  
EDITORA

ALLA

Academia Louveirense de Letras e Artes

X COLETÂNEA

Poemas - Crônicas - Contos - Ensaaios - Artes



ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes: X Coletânea: poemas, crônicas, contos, ensaios, artes

Idealização da Capa (cadeira): *Carlos Tiokal*

Arte da Capa, identidade visual do miolo e diagramação: *Liah Albuquerque*

Fotos do miolo (cadeira e acadêmicos, em sua maioria): *Jasso Souza*

Comissão organizadora desta coletânea (ALLA): *Carlos Tiokal e Sandra Regina Rossi*

Comissão revisora, escolhida para esta coletânea (ALLA): *Carlos Miceli, Carlos Tiokal, Débora Cunha e Marlei Camanhes de Oliveira*

Revisão, mediação e orientação (Versum): *Prof<sup>ª</sup> Cláudia Unti e Liah Albuquerque*

Nota da editora: *a revisão desta coletânea foi feita com base na variedade padrão da escrita do português em prática no Brasil, respeitando o uso de licença poética e as idiossincrasias de cada participante. A Editora Versum e a ALLA não se responsabilizam pelo conteúdo apresentado por cada autor (a), incluindo a forma de expressão e escrita, seja nos textos originais, em paráfrases realizadas sem a devida citação ou, ainda, frases de seus patronos. Toda e qualquer responsabilidade pelo conteúdo é exclusivamente dos (as) respectivos (as) autores (as) participantes.*

Editora Versum

(13) 99797-9458

[www.editoraversum.com.br](http://www.editoraversum.com.br)

[editoraversum@gmail.com](mailto:editoraversum@gmail.com)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

ALLA : Academia Louveirense de Letras e Artes : X  
coletânea : poemas, crônicas, contos, ensaios,  
artes / [organização Carlos Tiokal, Sandra  
Regina Rossi]. -- Louveira, SP : Editora Versum,  
2024.

Vários autores.

ISBN 978-65-87126-37-1

1. Literatura brasileira - Coletâneas I. Tiokal,  
Carlos. II. Rossi, Sandra Regina.

24-228635

CDD-B869

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

## A SAGA DAS QUARENTA CADEIRAS

---

Se o Tasso, em seu passo numa radionovela, em pergunta nos diz:

*Machado de Assis, se Casimiro abriu, Oswald entrou e Antonio Lisboa, o Aleijadinho, assim bem barroco, nem viu, por que a Hilda riu? — Issssttt... Esta história está mal contada e mal iniciada. Vamos de novo!*

É Mario Quintana na quinta bacana. Mas, se é vero, pode ser e é rico, Veríssimo, ao se ver, lado a lado, um certo Ariano, ora, com sua comadre Cora. Mas há quem prefira linguagem sem vícios, de um certo Vinicius. E digo mais, de Moraes! E cá vi também um certo alguém ser tão sertão com tons *guimarães*, cheio de prosa *vermelhorrosa*; ao gosto dos Anjos, bem perto dos Campos deste Humberto.

Perdi-me nas notas de um som guarani e, cá e lá, Gomes esteve aqui, trazendo Ascêncio de volta a Lobato, para que nada fique fora das histórias de Tomanik! E José que, como Setubal, fez da arte a Fortuna para não mais vidas secas surgirem nos ramos das mãos Graciliano; mas, que foi quem me disse que eu não me iludisse com a hora da estrela dos dedos Clarice. Aqui sou direto: se é Paulo e é Autran, merece aplausos, sou *teatro-tiete*, sou fã!

E quem passa dos cem não sou eu e, sim, Elyseu, que tem fé e histórias. Mas fico na dúvida sobre isto ou aquilo, e vem Cecilia Meireles nos dar motivo: gostar de música e ser rico, um José; ou então hoje ser amado, feito Jorge. Mas aqui cabe um outro José: e agora, Carlos? Você se *Drummondou*? É mais um Augusto como o dos Anjos, mas este Vicente, um grande Carvalho! Com que roupa eu vou, em feitio de oração, ver a cadeira vermelha de um certo Noel? E vem Rubem, que tem a ver com a beleza, a harmonia e a música, como as aves; este Alves, como eu, membro da psicanálise. E por falar em beleza, onde anda você, Lúcio Costa? Sei não se Jobim saberia dizer, pois você fez Brasília e a Barra, e ele Ipanema, para chegar de saudades.

Ruy de Oliveira e Edilson Caldeira chegaram pra ver Severina em morte ou em vida, de um certo Cabral que não encontrou o Brasil, mas,



sim, um jeito poeta de nos descrever. Ah, este João que é belo e de Melo Neto! O que seria de nós sem prazeres, e do samba, sem Heitor dos Prazeres? Mas o romantismo não seria o mesmo, sem a dor do poeta do exílio, Gonçalves em brilhantes dias. Viuvinha, Diva, Senhora, Lucíola, Iracema... de que mãos saíram? É nosso José, este Alencar.

E para nomear a quadragésima cadeira, assim como o José Ademir Tasso, folhas do coração da nossa Louveira, que é o patrono da primeira, quem temos? Este nosso acadêmico que o vento não leva, Jorge Lemos.

E assim fechamos a história de quarenta cadeiras. Cada qual com um patrono ou patrona que seu nome honrou e um benfeitor que a patrocinou!

Gil Leonardi

## AGRADECIMENTOS

---

Esta coletânea é uma obra de grande valor para a ALLA — Academia Louveirense de Letras e Artes —, por se tratar de sua décima edição. Estou profundamente grata por todos os que contribuíram para sua realização.

Primeiramente, quero agradecer ao meu esposo, incansável cavalheiro, e seu apoio constante e imprescindível.

Agradeço ao Exmo. Sr. Prefeito Estanislau Steck, velho amigo e parceiro da ALLA, e, que mais uma vez nos prestigia com seu apoio incondicional.

À Secretaria da Cultura, na pessoa do Ilmo. Sr. Secretário Darlan Henrique Pereira, pela dedicação e apoio frente às nossas reivindicações, que culminou no lançamento desta coletânea.

À Editora Versum, nas pessoas de Liah Albuquerque e Cláudia Unti, pelo primoroso trabalho.

À inspiração e ideia do acadêmico Tiokal quanto a capa do livro, e à Liah Albuquerque pela elaboração e conclusão da arte.

Ao meu amigo acadêmico e secretário da ALLA, João Batista, pela sua dedicação, conselhos, amizade e carinho.

Agradeço, também, às opiniões e críticas construtivas do acadêmico Carlos Miceli, para a realização e qualidade deste trabalho.

Ao vice-presidente Samuel Moscospki e a todos os confrades e confreriras.

Finalmente, agradeço a você, querido leitor, por investir seu tempo na leitura deste livro. Espero que lhe seja agradável.

Diacuí Pagotti  
*Presidente*

## SUMÁRIO

---

ANA LAURA DE CARVALHO PATRÃO.....	10
MORDAÇA .....	11
ANDREA PELEGRINELLI.....	12
EM UM SÓ PÃO .....	13
COISAS DO ALTO CÉUS.....	14
APARECIDO BI DE OLIVEIRA.....	16
CERTIFICADO DE MINHA EXISTÊNCIA .....	17
O CRIADOR, A OBRA, OS HOMENS E OS ANIMAIS .....	19
BENEDITO APARECIDO CORRÊA.....	20
SINFONIA SERTANEJA.....	21
MEU JARDIM.....	22
O POETA E A NATUREZA.....	23
CARLOS MICELI.....	24
SE EU PUDESSE ESQUECER.....	25
CARLOS TIOKAL.....	28
LINÉIA.....	29
SINHÁ ANA .....	31
CIDA REIS .....	32
PARECE ASSIM .....	33
RAZÃO.....	35
DARCIO CALLIGARIS .....	36
REFLEXÕES SOBRE A VELHICE.....	37
DÉBORA CUNHA .....	40
PARA UMA MÃE RARA E ATÍPICA .....	41
MINHA ANA CATARINA.....	42
SOBRE OS DIAS DIFÍCEIS.....	43
DIACUÍ PAGOTTI .....	44
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA, DE PÁDUA OU DO BRASIL? .....	45
ALÉM DO OCEANO.....	47
DONIZETE SARAIVA DEOLINDO.....	48
AO MEU PAI.....	49
FATURA.....	51
EDINÉLIA ROCHA.....	52
CAFÉ, AMOR E PAIXÃO .....	53
MOMENTOS COM VINHO! .....	54
CONFUSÃO DO CORAÇÃO .....	55
ELEIDE REGES .....	56
NOSSO TEMPO .....	57
HARMONIA.....	58
GRATIDÃO .....	59
GERSON DOMINGOS DE OLIVEIRA.....	60
NOSSA MESTRA-TESOURO.....	61
GIL LEONARDI .....	62
ELEGIA OU DAS DORES DA ALMA .....	63
MINHA CRISE DE ANSIEDADE! .....	65
GIOVANNI CUNHA .....	66
O CAMINHO DE VOLTA AO JARDIM .....	67



RECOMEÇO – PARTE III .....	69
IRIS DE OLIVEIRA VERZARO .....	70
DEUSA PERFEITA.....	71
HARMONIA EFÊMERA.....	72
INSIGNIFICÂNCIA.....	73
JOÃO BATISTA .....	74
NÃO RESPOSTAS.....	75
CONVERSANDO COM LILI MARLENE.....	77
JÚLIA FERNANDES HEIMANN .....	78
DIA DO ESCRITOR LOUVEIRENSE .....	79
KÁTIA REGINA MARTINS .....	82
SEGREDO.....	83
TEU FAROL.....	85
LARISSA SCOMPARIM.....	86
DO GRÃO À PÉROLA.....	87
NA MADRUGADA CHOREI.....	89
LEONARDO LENDÁRIO.....	90
O PROLETÁRIO.....	91
LIAH ALBUQUERQUE.....	94
WAGASA.....	95
CENTELHA.....	96
INTELIGÍVEL.....	97
LORI SANTOS.....	98
RECOMPONDO.....	99
CRAQUELADO.....	100
PEDAÇOS.....	101
MARLEI CAMANHES DE OLIVEIRA .....	102
NEUSA ROSSI CEVALHOS.....	106
ODETE MOSCOSPKI.....	110
SAMUEL MOSCOSPKI .....	114
MINHA LOUVEIRA DE ONTEM .....	115
AINDA TE ESPERO.....	116
BELAS LEMBRANÇAS - ESPORTE CLUBE IPIRANGA.....	117
SANDRA REGINA ROSSI .....	118
CONFUSÃO DE SENTIMENTOS.....	119
QUANDO TUDO PARECE DESABAR.....	120
TUDO PASSA.....	121
SONIA BALDO.....	122
MEU PASSADO COR-DE-ROSA.....	123
RECANTO DAS ESCOLHAS.....	125
UBIRAJARA DE SOUZA TAVARES.....	126
SONETO DAS MÃOS.....	127
PÉROLA.....	128
FOLHAS PERDIDAS.....	129





## ANA LAURA DE CARVALHO PATRÃO

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015) e, também, de outras fora da Academia, com destaque para a *Antologia Passagem para um Sonho*, em 2014.



“A tarefa de viver é dura, mas fascinante.”  
Ariano Suassuna (patrono)



Amargo a solidão de uma virtude desvairada.  
Seguindo uma estrada passo a passo.  
Muitas, muitas vezes em descompasso.  
Buscando aprimorar-me na virada.  
Você, minha pedra no caminho,  
Nessa solidão deixa-me sozinha,  
Pergunto-me à alma *aflicionada*.  
Ponho-me de pé em meu andar ereto,  
Minha alma aflita amordaçada.  
Seu passe lento e calmo  
Soa-me como tropel de Cavalaria Rusticana,  
Quando chega, sem no entanto vir pro meu regaço.  
Quisera eu, receber um grande abraço,  
Em meu corpo já não frágil, nem modesto.  
Cosmo agonizantemente, *salamargamente*,  
Lágrimas vou vertendo-as por você,  
Quase sangrando,  
Derramo nessa estrada de vida lamacenta.  
Envio-lhe mil beijos sem tocá-lo.  
Canto-lhe cantos, sem cantá-los,  
Quero-o fiel e, ao mesmo tempo, eu,  
Cruel e fielmente.



## ANDREA PELEGRINELLI

Seu primeiro livro, *Afeições*, foi publicado em 2000 pela Editora Scortecci.

Em 2009, lançou *O Leãozinho Nunu* pela Editora In House. Já em 2012, publicou *Eu Sou o Pecado, a Paixão, o Prazer... Cecília*, em edição bilíngue (português/italiano) pela Ed. Garcia Edizioni.

Em 2015, no projeto Sementes Líricas, foi selecionada para o primeiro “plantio”, com o título *imperfeita – sementes líricas de andrea pelegrinelli*, publicado pela Editora Literacidade. No mesmo ano, lançou *Evangelini - olha-me de novo*, pela Editora Penalux.

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Contato: [andreapelegrinelli09@gmail.com](mailto:andreapelegrinelli09@gmail.com)



“Saio do meu poema como quem lava as mãos...”  
João Cabral de Melo Neto (patrono)

## EM UM SÓ PÃO

---

No campo sereno, o trigo dançava  
Sob o céu vasto, em sua beleza,  
A promessa de pão, na terra semeada,  
E a fé na colheita em nossa defesa.

O trigo dourado, as mãos que amassam,  
Transformam-se em pão, fruto da terra,  
No forno se aquece; as almas abraçam  
O pão que sacia, que vida encerra.

O vinho tinto, cor de paixão,  
Das uvas maduras, em cachos plenos,  
É símbolo sagrado, pura emoção,  
De tempos de paz, de sonhos amenos.

A fé que nos guia, em preces cantadas,  
Une o pão e o vinho, num só coração,  
Num gesto divino, em mãos elevadas,  
Celebra-se a paz, e a redenção.

E, na mesa posta, partilhamos o pão,  
Com o vinho vertido, brinde à união;  
Juntos buscamos a paz desejada,  
Na fé que nos une, a alma sagrada.



A morte chega, silenciosa e fria,  
No manto da noite, na luz do dia;  
O fim da jornada, a passagem, enfim,  
Para além do véu, onde tudo é sem fim.

O corpo repousa, mas o espírito voa,  
Ao encontro do céu, onde a paz ressoa,  
Um caminho de luz, que ao alto conduz,  
Para o lugar onde o medo se reduz.

O céu é promessa, esperança do crente,  
Um lar eterno, em brilho esplendente.  
Ali, não há dor, nem lágrimas caem,  
A alma é livre, as correntes se saem.

Os anjos aguardam, com asas abertas,  
Guiam a alma, por trilhas desertas,  
Até o paraíso, onde tudo é amor,  
E a luz do eterno banha em esplendor.

No céu, o passado é só uma lembrança;  
Apenas o presente, na divina dança;  
A alma repousa, em paz infinita,  
Na morada celeste, tão rara e bonita.

Salvação é o abraço, o consolo final,  
A fé que nos leva ao destino imortal,  
No silêncio da morte, a vida renasce,  
Em terras divinas, onde a graça se embasa.

A morte é só porta, passagem ao novo,  
A caminho do céu, com passo bem suave,  
E ali, no eterno, o espírito se alinha,  
Em amor divino, na luz que ilumina.





## APARECIDO BI DE OLIVEIRA

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde a primeira edição (2015), além de diversas outras, como *Eu Amo Vinhedo*, *Mogi das Cruzes 450 Anos*, *Desperte o Poeta que Existe em Você* e a *Antologia do Clube dos Escritores de Vinhedo*.

Fez parte do projeto *Mil Poesias para Gonçalves Dias*, em São Luís/Caxias/Guimarães/MA, recebendo a Comenda "Gonçalves Dias" no 190º aniversário de nascimento deste poeta, em São Luís, e Menção Honrosa na Academia Caxiense de Letras, com o Título de "Tupi de Caxias", que contou com a participação de poetas brasileiros e internacionais.



Edilson Camargo Caldeira (patrono) foi  
Secretário da Cultura de Louveira.

## CERTIFICADO DE MINHA EXISTÊNCIA

---

Tudo para sermos e não somos,  
tudo para vivermos e não vivemos,  
tudo para vermos e não vemos,  
tudo para dizer e não dizemos.  
Porque não deveria existir,  
para coisas assim.

Apesar disso tudo,  
minha mente se faz presente,  
olhando para minha sombra,  
certificado de minha existência.

Minha voz inicia,  
não há mais aquele silêncio.  
Pensando em alguém,  
escrevo o que se passa em mim.

Veja: e o sol que reparte as matas com seu brilho,  
os clarões surgem como também as sombras.

Fale: e as aves cruzam o espaço  
iniciando um novo dia.

Pense: que tudo isto existe  
para não sermos tristes.

Escute: e as ondas explodem nas pedras  
e se abrem com o segredo do mar.

Ame: e as belezas surgem em tudo,  
entre a terra, o mar e o céu celeste.

Semeie: e as novas plantas surgem,  
trazendo carícias dos movimentos suaves.

Plante: e a paz, conturbada a cada dia,  
o homem com o pão em busca do pior.

Voe: e os arco-íris em seu olhar  
tornam mais belo o seu caminho.

Esqueça: e as águas do rio passam,  
como a melodia que surge do pássaro.

Escreva: e a areia formando o deserto,  
transformando a seca em sua arma.

Diga: e as palavras formam em você,  
como os brotos de árvores férteis.

Corra: e a noite se faz presente,  
com sua calma de noite de luar.

Sonhe: e a vida está em nós,  
como as estrelas estão no céu.

O sabiá cantava no galho da laranjeira,  
cá embaixo eu estava apreciando a natureza.  
Quão bela se apresentava, com tanta magnitude,  
e eu reverenciava sua formosura e beleza.

Eu a contemplava com espanto e admiração,  
tudo que eu via ao meu redor era admirável.  
Tive a objetiva certeza da grandeza desta obra,  
foi criada por um ser de capacidade inigualável.

A vida que nos foi deverasmente agraciada,  
deu-nos a habilidade de interagirmos com esta realidade,  
fazendo-nos viver na plenitude de nossas faculdades,  
sermos portadores cientes de nossas capacidades.

É isto que nos diferenciam dos animais irracionais:  
eles seguem suas trilhas na cadeia alimentar,  
cada um com seu papel nesta lei da natureza  
e, os homens, possuem o livre arbítrio de falar e pensar.



## BENEDITO APARECIDO CORRÊA

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015), entre outras fora da Academia.

Foi colunista do jornal Folha Notícias e radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiaí.



"Aqui estou meus velhos companheiros, olhem  
pra cima pra me ver passando  
em meu cavalo, raio de luar..."  
José Fortuna (patrono)

## SINFONIA SERTANEJA

---

Lá perto da minha casa  
Tem uma mata fechada  
Onde eu ouço todos os dias  
O canto da passarada  
Saracura na barroca  
Canta de madrugada  
Mais no alto o xororó  
Junto com a codorninha

Canta alegre o bem-te-vi  
Na copada do angiqueiro  
Na touceira de bambu  
Sabiá-peito-vermelho  
Também canta a juriti  
No meio da cipoeira  
Abre as asas contente  
O João-de-barro na paineira

Também tem a bicharada  
Que me diverte demais  
Como o tatu e o lagarto  
No meio dos carrascais  
As raposas, ouriços e macacos  
Se escondem nas ramagens  
Com medo de serem atacados  
Pelo valente gato-selvagem

Assim é o meu dia a dia  
Morando perto da mata  
É um verdadeiro zoológico  
Com animais de diversas raças  
Não tem quem não admire  
Este pequeno paraíso  
É o exemplo da natureza  
Nos mostrando tudo vivo.



## MEU JARDIM

---

Eu plantei no meu jardim  
Uma roseira mesclada  
Ela está carregadinha  
De rosas desabrochadas

Suas pétalas são macias  
Brilhantes aveludadas  
Além de serem coloridas  
Ainda são perfumadas

Todos que visitam  
Não ficam sem pôr as mãos  
Já me pedem para levar  
Para casa um botão

Eu o apanho com cuidado  
Com amor e dedicação  
Para saírem satisfeitos  
Ainda abro o portão

Meu jardim é bem florido  
Muita gente se admira  
Pela beleza que ele tem  
As pessoas se fascinam

Eles pedem o segredo  
De manter as plantas lindas  
Eu respondo: é o amor  
Elas são a minha vida

## O POETA E A NATUREZA

---

Eu não consigo ficar  
Nem um dia sequer  
Sem escrever poesias  
Duvide quem quiser  
Eu amo raciocinar  
Deitado, sentado ou em pé

Passo horas me inspirando  
Em tudo da natureza  
O que reflito na mente  
Nela sinto firmeza  
Não deixo para depois  
O que me vem de surpresa

Ser poeta é o meu dom  
Nasci para fazer versos  
Poesia é a minha vida  
O meu ser, meu universo  
Componho só por amor  
Não para fazer sucesso

Deus me deu este mérito  
Com ele quero morrer  
É o melhor jeito de amar  
Respeitar e agradecer  
A nossa mãe natureza  
A razão do meu viver



## CARLOS MICELI

Como artista plástico, participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Kursou História da Arte no MAM - SP. Fez parte da II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017, em Portugal. Sua influência no cenário artístico se estende além da criação, pois também desempenhou o papel de membro de júri em salões de Artes Plásticas.

Na esfera literária, contribuiu com seus poemas em diversas coletâneas. Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

No campo musical, é compositor e produtor, tendo lançado dois discos autorais.

<https://carlosmiceli.wixsite.com/artes>



“Quando uma árvore é cortada  
ela renasce em outro lugar.  
Quando eu morrer quero ir para esse lugar,  
onde as árvores vivem em paz.”  
Tom Jobim (patrono)



## SE EU PUDESSE ESQUECER<sup>1</sup>

---

Ah, se eu pudesse esquecer  
Por um momento sequer  
Tudo o que passamos  
E realizamos  
Todas as loucuras que vivemos  
Mas infelizmente  
Tudo acabou  
Já não há motivos pro nosso amor  
O que nos resta agora  
Sem ter arrependimento  
É seguir a vida  
Sem tentar voltar  
Pois o que passamos ficou pra trás  
E nem adianta  
Tentarmos consertar  
Repetir os erros nunca mais

---

<sup>1</sup> Poema musicado pelo autor. Faz parte de seu 2º disco – “O meu bloco a desfilar”.



AST - 0,90 x 1,50 - "HORIZONTE IMAGINÁRIO IV" - CARLOS MICELI



AST - 0,90 x 1,50 - "HORIZONTE IMAGINÁRIO V" - CARLOS MICELI



AST - 1,00 X 1,80 - "HORIZONTE IMAGINÁRIO XV" - CARLOS MICELI



AST - 1,00 X 1,80 - "PAISAGEM IMAGINÁRIA VI" - CARLOS MICELI





## CARLOS TIOKAL

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015). Além disso, integrou várias outras coletâneas, como *Nossos Amigos Animais* (Editora In House), *Antologia de Verão* (Perfil Editora), *Antologia Internacional de Poesias, Crônicas e Contos* (Encantos Editorial) e *Antologia Respiros* (Editora Versum).

<http://www.youtube.com/@carlosthiokal218>



"Voltaste confessando sem vaidade  
que a sua liberdade é viver preso a mim."  
Noel Rosa (patrono)

Uma menina chamada Lineia é fascinada por um grande livro sobre os jardins de Monet. Assim começa uma história, escrita por Christina Björk.

Mas, a nossa Linéia, nem sempre passeou pelos jardins. Infância sofrida, com muita dificuldade ia à escola e, às vezes, sua merenda era um pedaço de toucinho assado na chapa do fogão a lenha.

Linéia cuidava de seu irmãozinho caçula, que lhe tirava o sono todas as noites, pois tinha que brincar de carrinho com ele, mesmo cochilando. Ela perguntava o seu nome só para ouvi-lo dizer:

— Zecacaiopivavaio.

E continuava:

— E qual é a música de Dalva de Andrade que você cantava?

— Evoavidaemseeinataa — ele respondia.

E, toda vez que o encontrava, Linéia perguntava:

— Qual a irmã que mais gosta?

— É você! —respondia ele, só para vê-la envaidecida.

— Também, quase me deixou louca! Não dormia e tinha que te dar valeriana! — ela dizia.

Linéia foi telefonista da cidade e conhecia todos os moradores. Bastava perguntar de alguém, que ela prontamente retorquia que o fulano era filho de tal pessoa; que era casado com tal pessoa; que era irmão de tal pessoa... Sua mente era perfeita e nos reproduzia o cotidiano da cidade com minúcias!

Cantava no coral da igreja e, numa de suas voltas na praça central da cidade, conheceu seu marido. Deixou os jardins e foi morar em um beco. Cuidou de quatro filhas. Usava frases como: *vamos indagar; coloca um cavu, que está frio; boca de chocalho*. Contava causos, arremedava todo mundo, repetindo à exaustão, quando lhe pediam.

Linéia mudou-se para a sua própria casa; viu suas filhas se casarem, com o dever cumprido. Hoje, Linéia vive em seu mundo e continua doce. Talvez, sem saber, ela já esteja passeando nos jardins de Monet.



## MEUS FILHOTES

---

Tirei das ruas três filhotes famintos, três bolinhas de pelo maltratadas.

Podia ainda sentir seus lácteos hálitos, quando as levava ao encontro do meu rosto.

Passava horas observando suas explorações pelo quintal.

A mais velha se deitava à frente do comedouro e comia desenfreadamente, sem imaginar que jamais passaria fome novamente.

Aos poucos, as três bolinhas de pelo foram se conhecendo, brigando por espaço e cada uma foi marcando o seu território.

Difícil era recusar aqueles olhares lânguidos querendo minha presença, que a disputavam com latidos ameaçadores.

Quintal grande, grama, terra, sombra, água fresca e comida à vontade; adorava vê-las dormir um sono pesado, sem se preocuparem mais com maus-tratos.

Elas me fazem feliz e acredito que, sem elas, minha vida seria vazia.

Sei que é egoísmo meu trancá-las no meu mundo, mas também sei que me amam e se sentem seguras.

Sei também que serei punido, pois esqueci-me de perguntar-lhes se, mesmo passando por todas as atribulações vivida nas ruas, não seria doce morrerem livres.

## SINHÁ ANA

---

Começo da madrugada, contrações insuportáveis.

Correria, gritos.

*Chama a Sá Ana logo, grita a futura mamãe.*

Sá Ana chega.

Preta franzina... impávida.

E começa o trabalho de parto.

A futura mamãe, uma senhora ítalo-brasileira, a ela o confia.

Ouve-se um choro, para alívio das duas.

E vem um rebento forte... trazido à luz por frágeis mãozinhas negras.

Mais um para as suas incontáveis paridelas.

Afinal, para as suas partições, a preta desmedrada nunca escolheu cor.

Deus dá a vida, mas precisa de seus anjos para extraí-la do ventre.

*A benção,*

*Sá Ana, que traz à luz;*

*Vó Sá Ana, que benze;*

*Ana Belizário, que osculamos suas mãos;*

*Ana do "Formigá", Madrinha.*

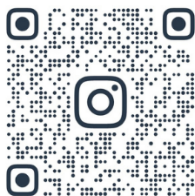


## CIDA REIS

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015), além de outras fora da Academia.

É membro-fundadora da AVLA - Academia Valinhense de Letras e Artes (AVLA).

Contato: cidacreis2@gmail.com



@MARIAAPARECIDACREVELARIREIS



"A leitura é uma fonte inesgotável de prazer,  
mas, por incrível que pareça,  
a quase totalidade não sente esta sede."  
Carlos Drummond de Andrade (patrono)

## PARECE ASSIM

---

Uma mistureba sem fim...

Onde a natureza começa e a gente parece o estopim.

A Comigo Ninguém Pode!

É linda de “morrer” e muito perigosa.

Desta cicuta, creio que ninguém queira beber.

A Espada de São Jorge! Quando “desembainhada” espanta tudo o que é ruim.

E nesta guerra invisível, nos livra de males pondo em tudo um fim.

Já tem outras... como a Maria dorme-dorme,

Sempre na sua vagareza.

Mas, no mundo em que vivemos, não há tempo pra tanta lerdeza.

E as babosas?

Lisas como elas só...

Creio que são como ervas daninhas!

Então, imploro ao Céu que me dê o livramento... e sigo o meu caminho mais contente.

E os cactos!

São aqueles ... do Não-me-toque e Não-me-rele.

Pasmem, eles são muitos!

Penso que um bom chá de Losna serve para digerir esses espinhentos.

Parece assim...

Sorte, tem quem tem!

Quem dera poder ter uma Costela de Adão e me debruçar feito uma Vassoura de Bruxa e assim poder um dia descansar!

Ver as Patas de Vaca em campos verdejantes e me deixar adocicar.

E, do belo Chorão... poder me esconder, quando o mundo vier a me assolar.

Parece assim...

Do coco, sua água;  
Do limão, seu azedume;  
Do mel, sua doçura;  
Da rosa, seu perfume;  
Do ciúme, a sua flor.

Parece assim...

Que há uma súplica interminável às Rezadeiras, para que elas tragam boas energias, espantando as amarguras alheias.

E, neste mundão de meu Deus, tem muita gente de fé!

E para que a oração chegue lá no alto... rogamos assim.

Ora-pro-nóbis!

Amém!

## RAZÃO

---

Percorri tantos caminhos

Entre rios e montanhas

Contemplei o sol

Contemplei as estrelas

Contemplei você

Sublime...

Somos essa história

Somos nós desta vez

Somos nós nesta aventura

Somos a soma da razão que não tem explicação

Porque somos a soma da imperfeição

De uma razão que a vida quer uma explicação

Sem razão...



## DARCIO CALLIGARIS

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Farmacêutico bioquímico, é autor de *Farmacotécnica - Revestimento de Formas Farmacêuticas*, o segundo livro nesta área publicado no Brasil.

Professor universitário por 20 anos, atualmente ministra palestras e cursos de especialização.

Em 2024, publicou *Reflexões para a Vida - mensagens e pensamentos*, pela Editora Becalet.

Contato: [darcio8@gmail.com](mailto:darcio8@gmail.com)



"... Que ninguém doma um coração de poeta.  
Augusto dos Anjos (patrono)

Refletindo sobre a velhice, e pensando em como vivê-la com alegria, felicidade e paz, fui buscar inspiração em meu velho coração e na sabedoria e na experiência de muitos idosos que, assim como eu, almejam envelhecer de forma saudável e feliz.

Meu principal objetivo com esta reflexão é mostrar que, independentemente da idade, é possível viver bem mesmo em um mundo repleto de desafios e competitividade.

A velhice é um processo natural, uma fase da vida marcada por mudanças físicas, mentais e emocionais. Contudo, ela também pode ser preciosa e nos trazer muitos ensinamentos. Com certeza, se soubéssemos antes o que sabemos agora, poderíamos ter tido uma vida mais plena.

Muitos idosos enfrentam dificuldades de mobilidade, baixa visão, perda de audição e problemas psicológicos, sendo a depressão o mais recorrente nessa faixa etária. Em vez de se sentirem constrangidos, com baixa autoestima por precisarem do auxílio de outras pessoas, o melhor seria aceitarem ajuda com humildade e gratidão.

As perdas não se restringem à falta de energia e de força física. Despedimo-nos também de amigos e parentes, muitas vezes até de nossos sonhos. Se encontramos velhos amigos, com os rostos enrugados, as mãos trêmulas e os cabelos grisalhos, e eles nos contam de outros colegas em comum que já faleceram, ficamos surpresos e, ao mesmo tempo, gratos por estarmos vivos.

A vida passa muito rápido e, quando envelhecemos, a tendência é vivermos só de lembranças. Entretanto, acredito que isso não é bom. Deixar o passado para trás pode trazer um grande alívio. Que tal fazer de cada dia um recomeço?

Nós temos muito tempo para contemplar nossa vida e muitas vezes a olhamos com indiferença, desconsiderando o quanto ela é preciosa. Por outro lado, a maturidade nos dá coragem de fazer coisas que temíamos, e nenhum fardo é grande demais para que não possamos suportar.

Os desafios inerentes a essa fase da vida não devem ser motivos para sentirmos autopiedade. Vamos aceitar nossa condição, mantendo nossas mentes ocupadas e ativas, com vontade de seguir aprendendo. A



bagagem adquirida nos permite viver cada momento como uma bênção, uma experiência positiva e gratificante.

A vida é curta e, por isso, é preciso aproveitar cada momento para fazer a diferença na nossa vida e na das outras pessoas. Conservar uma visão positiva é muito importante, e temos de lembrar que tudo tem um lado bom. Inclusive o envelhecimento. A hora de ser feliz é agora. Não vamos gastar energia com o futuro, nem depositar a nossa felicidade nas mãos de outras pessoas.

Para encerrar, compartilho alguns aprendizados valiosos que tive ao longo da vida, e gostaria que alguém tivesse me dito quando mais jovem:

- Enxergue o lado bom do envelhecimento.
- Rir é o melhor remédio. Sua energia restauradora é poderosa. Divirta-se!
- Guardar mágoas não nos traz nada de bom. Tente perdoar e fazer as pazes com quem lhe causou algum mal. Você sentirá paz.
- Não se agarre ao passado lembrando de coisas negativas, isso adocece.
- Viva cada dia plenamente, com otimismo.
- Assista a filmes, faça pipoca e sinta-se bem em sua própria companhia.
- Mantenha-se ativo. Faça trabalhos manuais, palavras cruzadas, leia um livro, escreva algo, recite poesia, escute música.
- Não confie cegamente na sua memória: faça anotações.
- Procure não se isolar. A solidão pode levar à depressão.
- Ore quando estiver alegre ou triste.
- Faça exercícios físicos, tenha uma alimentação saudável e durma bem.
- Livre-se de situações estressantes e de desentendimentos para ter uma vida mais plena.
- Pratique o amor-próprio. Cultive sua autoestima como uma prioridade de vida.





## DÉBORA CUNHA

Publicou *Poemas para Colorir: Aventuras*, seu primeiro livro independente, em 2023. No mesmo ano, outros dois livros foram publicados, em parceria com Leonardo Lendário.

Em 2024, lançou o livro *A Doença Rara da Ana Catarina*, contando um pouco sobre a história de sua filha. Todas suas obras foram publicadas pela Editora UICLAP.



@DEBORA\_CUNHA\_ESCRITORA



“Felicidade é a certeza de que a nossa vida  
não está se passando inutilmente.”  
Érico Veríssimo (patrono)

## PARA UMA MÃE RARA E ATÍPICA

---

O coração fica perdido e ansioso  
quando se confirma uma doença.  
Receber um diagnóstico é doloroso  
mas nunca deve ser uma sentença.

Tudo parece estranho e sombrio.  
O futuro parece cruel e selvagem.  
A maternidade rara e atípica é um desafio  
que precisa ser encarado com coragem.

Passar por essa situação é um processo  
que modifica o espírito, o coração e a alma.  
A jornada, com o tempo, terá um progresso:  
basta seguir em frente, com fé e com calma.

Aprender a viver um dia de cada vez  
é um passo fundamental para resistir.  
Isso ajuda a ter paz e ter lucidez  
para prosseguir e nunca desistir.

Se o dia estiver muito difícil e penoso  
e você sentir que não tem mais força,  
lembre-se que seu coração é tão poderoso  
que não há realidade que o abata ou distorça.

Se o dia estiver leve, alegre e bom,  
saiba aproveitar cada momento!  
Entenda que viver cada instante é um dom  
que traz a paz necessária: é verdadeiro acalento.

Nunca duvide de sua capacidade  
de cuidar bem da sua criança.  
Você vai entender que a felicidade  
é possibilidade que sempre se alcança.

Desejo força, fé e ânimo  
para enfrentar esse destino.  
Amor de mãe é magnânimo  
e suporta qualquer desatino.

## MINHA ANA CATARINA

---

Minha Ana Catarina tem uma doença genética.  
É uma enfermidade hereditária e rara.  
Essa doença nos atingiu de forma frenética.  
A Acidúria Glutárica Tipo 1 não tem cura, não sara.

Minha Ana Catarina tem essa doença metabólica  
que provocou uma lesão cerebral permanente.  
É uma situação que às vezes me deixa melancólica  
e me faz sentir insuficiente, incapaz e impotente.

Minha Ana Catarina não se senta,  
Ela é uma criança com deficiência.  
É uma menina inteligente e bem atenta  
que supera seus desafios com paciência.

Minha Ana Catarina não anda.  
Ela é uma criança cadeirante.  
É uma menina forte com alma branda  
que tem um olhar profundo e exuberante.

Minha Ana Catarina não fala.  
Ela é uma criança não-verbal.  
É uma menina ativa cuja alma não se cala  
e se expressa de uma forma clara e sem igual.

Minha Ana Catarina só se alimenta por sonda.  
Passou por uma cirurgia de gastrostomia.  
É uma menina linda com face redonda  
que luta em busca de alguma autonomia.

Minha Ana Catarina é um presente divino.  
É uma criança forte, pura e iluminada.  
Minha pequena mudou o meu destino.  
Sem ela não sou ninguém, não sou nada.

Ser mãe rara e atípica é um desafio.  
É enfrentar batalhas constantes.  
É tentar sobreviver em mar bravio.  
É lutar em todos os instantes.

É tentar ser mais que humana.  
E tentar manter a sanidade.  
É exaustão cotidiana.  
É busca por dignidade.

E então vem o dia difícil e impossível,  
quando se perde o rumo da situação.  
O estresse sobe em outro nível,  
e parece que não há salvação.

Dias em que o foco muda de forma violenta,  
dias de crise ou quando há alguma dor.  
Dias longos que cada hora passa de forma bem lenta.  
Dias duros que desafiam sua fé e seu bom-humor.

Você persiste para que seu coração não desabe.  
Você já nem se cuida e nem faz tanta questão.  
Você resiste e só quer que esse dia acabe  
para que você se renda ao sono de exaustão.

Dias difíceis não deixarão de existir,  
essa é a verdade de uma mãe cuidadora.  
Seja forte, não desista, você vai conseguir.  
Essa é a realidade de uma mãe rara e defensora.

Espero que Deus te faça uma mãe forte,  
para que os dias difíceis não possam te derrubar.  
Espero que Deus te conduza e te conforte.  
Você é capaz e essa é a missão de quem se propõe a amar.



## DIACUÍ PAGOTTI

É a atual presidente da ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes.



"Existe, porém, um Deus, que protege as crianças  
e os singelos de coração."  
Humberto de Campos (patrono)

A manhã estava fria; senti o ar gelado quando finalmente tirei os braços debaixo da coberta para ligar o celular e verificar a hora: cinco e vinte e quatro. Levantei-me, escolhi uma roupa quentinha e fui dar uma espiada lá fora. Era 13 de junho, dia em que celebramos Santo Antônio. Quando criança, ouvia as pessoas dizerem que Santo Antônio é de Lisboa para uns, de Pádua para outros, mas, para mim, ele sempre foi Santo Antônio do Brasil.

O dia estava lindo; *o inverno está chegando*, pensei. Observava a mata toda esfumada, a grama e as folhagens do jardim orvalhadas e as pétalas das rosas pingando gotículas de água. Aproximei-me e, tocando-as, elogiei sua beleza. Enquanto caminhava admirando o verde ao redor, olhei para o alto e lá estava o sol, belo, suave e majestoso; comecei uma conversa com ele: *Que belo trabalho você está fazendo neste fim de outono, e certamente fará no inverno e no início da primavera. Você, com seus raios dourados, lentamente vai secando todas essas criaturas. Sabe, sinto inveja das rosas, vejo que você as beija demoradamente, deixando-as ainda mais belas.*

Com um sentimento de paz, fiz uma viagem a um passado distante. Pensei: *Eu sempre fui romântica, ou me tornei depois de velha? Não, eu sempre fui romântica e sonhadora...* O fato é que não me lembro muito dos dias frios, exceto nas festas dos santos: Antônio, João e Pedro.

O dia de Santo Antônio sempre foi, na minha opinião, o dia mais frio de todos, embora fôssemos aquecidos pelo calor das fogueiras. Como eram belas! Muitas famílias trançavam cordões repletos de bandeirolas em seus quarteirões; muitas preparavam festas em seus quintais e convidavam toda a vizinhança. Havia os devotos de Santo Antônio, os de São João e os de São Pedro, mas os convidados eram sempre os mesmos, embora qualquer um pudesse participar. A maioria colaborava levando pratos deliciosos: angu, salsicha, pamonha, carne moída, pão caseiro, broa, bolo de fubá, amendoim, pipoca... e então a festa começava a ficar doce: rapadura, doce de abóbora, doce de mamão, cocada, paçoquinha, doce de leite, pé de moleque, manjar, chocolate quente e muitas outras iguarias.

Apesar de tudo, o galã da festa era mesmo o quantão. *Eta bicho bão!* — era o que diziam. Depois, a alegria aumentava com a chegada do sanfoneiro, e as mulheres, moças e crianças exibiam seus vestidos coloridos, com laços prendendo o cabelo ao meio em penteados “Maria



Chiquinha”, preparando-se para dançar com seus pares: homens, rapazes e meninos com suas camisas xadrez, calças curtas com simulação de remendos coloridos, e sapatões nos pés, quando não se apresentavam descalços mesmo. Alguém gritava: *E vai começá a quadrilha pessar! Mais antes, nós vai assisti o casório!* E então surgia a noiva toda tímida, em um vestido de modelo antigo, com as maçãs do rosto pintadas com *blush* vermelho. O noivo vinha bem desengonçado, em um terno apertado e um chapéu de palha na cabeça. Para completar a alegria, chegava alguém com uma batina fazendo o papel do padre. Era tudo belo, alegre e respeitoso. Após o “casamento”, começava a quadrilha e o baile continuava com o sanfoneiro tocando um compassado e contagiante arrasta-pé até o final da festa.

De vez em quando, um adulto pegava um graveto fumegante da fogueira e acendia o estopim de um canudo de papelão, e então ouvia-se um estrondo. Todos erguiam os olhos para o alto, numa encantadora expectativa e, quando explodia, uma gama de cores pintava o céu, formando algo como um chuveiro de faíscas verdes, azuis, roxas, amarelas, vermelhas... Lindas faíscas de todas as cores se espalhavam, tornando o espetáculo incrível de se ver. Sem contar o busca-pé. Quando solto, cabriolava para um lado e para o outro, subia e descia sem rumo ou direção. A criançada, a princípio, ficava no caminho, para depois correr daquele canudo louco que mais parecia um míssil desgovernado.

*Bons tempos, pensei. Naquele momento, tentei lembrar qual dos três santos era o mais festejado e me dei conta de que seria muita pretensão colocá-los numa competição. Não era uma disputa — mas não posso negar que Santo Antônio era o queridinho da moçada. Era difícil encontrar uma jovem que não tivesse feito um pedido no dia 13 de junho, ao santo com fama de casamenteiro. Eu mesma o fiz! Lembro-me que, numa quermesse da Paróquia, entrei na igreja e pedi: *Meu querido Santo Antônio, sou nova aqui, mas gostaria não só de morar nesta cidade, mas também de encontrar um rapaz de caráter, me casar e formar uma família. Você pode me ajudar?* O que sei é que consegui o namorado, casei-me com ele e permaneço casada até hoje! Formamos uma família feliz, com dois filhos. Um deles casou-se e presenteou-nos com um casal de netos.*

Assim, como não poderia deixar de ser, guardo e cultivo essa devoção por esse grande taumaturgo que aprendi a amar e admirar.

VIVA SANTO ANTÔNIO!

## ALÉM DO OCEANO

---

Além do vasto oceano, a distância nos separa,  
Pátrias irmãs que rompem os laços  
Tornam impossíveis os abraços  
Que um dia nos acalentaram.

Tão distante dos meus olhos,  
Contudo, em meu coração,  
Que, dolorido de paixão,  
Faz meus dias chorosos.

Chamo o vento lusitano  
Para, com fúria, me levar  
E contigo me encontrar.  
Ah, esse coração humano...

Portugal, a tua pátria querida  
E, eu, com o meu querido Brasil.  
Estaremos com esse vazio  
Em nossas almas por toda a vida?



## DONIZETE SARAIVA DEOLINDO

O poeta e compositor participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015) e teve alguns de seus escritos publicados em jornais.



“Nós devemos ser o que somos  
Ter aquilo que bem merecer...”  
José Rico (patrono)

## AO MEU PAI

---

Em um momento nostálgico  
Mente e coração se abrindo  
Para assim homenageá-lo  
Cecílio Saraiva Deolindo

Um homem de coragem, fé e amor  
Guerreiro honesto e trabalhador  
Que foi pra eternidade  
Deixando nossos corações partidos

Foi justamente no dia seis de março  
Naquele sertão nordestino  
Na cidade de Exu, Pernambuco, em 1924  
Que nascia aquele lindo e robusto menino.

Se vivo fosse hoje, completaria cem anos  
Temos no comando um Deus Soberano  
Ele, então, chamou meu papai  
Para um plano divino

No início da filiação  
O Manoel foi o primeiro  
Prematuramente, Deus o levou  
Em seguida, Gabriel, Fátima e Cícero, o filho terceiro  
Margarida, Donizete, o narrador deste fato, um relato verdadeiro  
Sejam bem-vindos, Aparecido, Sebastião e Toninho, *rapa de tacho!*  
Duas mulheres e seis machos  
Eis o filho derradeiro!

Recordando de meu querido  
De sua enérgica trajetória  
Sendo um homem temente a Deus  
Do seu legado, seus exemplos, sua história  
Um propagador de notável bondade  
Contida na alma expressiva vontade  
Ver a família bem, filhos honestos, trabalhadores honrados

A mamãe continua conosco  
Agora, já bem próxima dos noventa  
O papai foi sepultado  
No mesmo dia em que completaria oitenta

Tudo é pela graça de Deus  
Que nos capacita, ampara e sustenta  
A minha gratidão ao meu pai querido  
Cecílio Saraiva Deolindo

*Onde o pastor dos pastores, o seu rebanho apascenta!*

Ela me propôs um amor,  
A meu ver, desproporcional:  
Nos vermos uma vez por mês.  
Uma ducha de água fria!  
Apelidei-o de amor mensal.  
Limitado amor, chamei-o de mesquinho.  
Se me distanciei de meu caminho,  
Favorável sou ao amor integral.

Até porque, quem realmente ama,  
Oh, ama simplesmente,  
Faz de tudo para permanecer  
Com o seu amor permanente.  
Assim, pareceu oferecer-me boleto!  
Com isso, deixo bem claro: não aceito  
Você ficar comigo apenas mensalmente.

Por essa razão, vou direto ao ponto,  
Faço questão de te avisar:  
Desse jeito não cola; assim não dá liga.  
Considero absurdo o teu jeito de amar.  
Amor nunca foi e nem será carnê.  
Portanto, que fique bem claro para você  
Que esta fatura nunca irá fechar.



## EDINÉLIA ROCHA

A escritora tornou-se contadora de histórias e criou o canal *Prof. Edinélia Rocha* na plataforma YouTube.



"Samba é como passarinho,  
a gente pega no ar."  
Heitor dos Prazeres (patrono)

## CAFÉ, AMOR E PAIXÃO

---

O café é múltiplo,  
é eterno, é amor;  
com leite ou com paixão,  
são sabores, amargo ou doce,  
com canela, ou chocolate.  
Perfume inconfundível,  
até para o paladar intolerante.

Não tem lugar, nem hora,  
somente soflagrante.  
É tempérie, não tem paragem,  
o que tem é só vontade,  
vontade a ser preenchida,  
cessar ou prolongar tantos sentimentos,  
igual ao amor, sentimento duradouro,  
não como paixão, que é passageira...



## MOMENTOS COM VINHO!

---

Vivemos momentos, ou ocasiões.  
Momentos bons ou ruins,  
Em todos, sempre terá vinho!  
Ora para comemorar,  
ora para aliviar...  
O sabor é no momento.  
Tem quem goste do seco,  
Outros do suave; o doce é anojoso,  
mas é do gosto de cada gosto.  
Vinho é valioso para o paladar  
de quem sabe apreciar.

## CONFUSÃO DO CORAÇÃO

---

Aquele dia foi inesquecível.  
Um sentimento incomum  
tomou conta do meu ser,  
já cansado e desiluso.

Foi amor ou foi paixão?  
A dúvida do sentimento que  
não quer calar o coração,  
que gritou acelerado.

Mudou o rumo dos planos.  
Sem avisar, desordenou  
o ciclo já planejado.

Amor ou paixão,  
deixou confusão no coração.  
Somente o tempo  
revelará esse sentimento  
que chegou sem avisar,  
trazendo o medo,  
o medo de não ser na proporção.

Somente o tempo,  
no seu tempo, irá falar.  
Agora é o momento de deixar  
o corpo falar e sentir o calor  
do amor ou da paixão  
que explode na alma e no coração.



## ELEIDE REGES

Suas obras foram publicadas em todas as coletâneas da ALLA desde a primeira edição (2015). Além de participar de diversas outras coletâneas, em 2024 integrou a *Antologia Respiros*, pela Editora Versum.

Foi Secretária de Cultura, Esporte e Turismo de Louveira.



"A vida é assim mesmo:  
aperta-se o coração, mas não se pode parar."  
Jorge Amado (patrono)

O tempo é como uma dança  
Que balança, e se cansa  
E também encanta.

O tempo embaraça  
E confunde o nosso espaço,  
Sempre com grande emoção

Puxando o balanço  
Com o coração,  
Parecendo as quatro estações.

Dando o seu adeus,  
Desenrolando corações,  
Sem pensar nas multidões.

Seguindo em frente,  
Pulando e dançando,  
Sempre o amor guiando.

Quando nos encontramos com a vida,  
Dando força e propósito motivado,  
Feliz fica a nossa jornada.

## HARMONIA

---

Te desejo um lindo dia  
Que tenha gente feliz  
Sempre ao teu lado

Que a chuva lhe traga harmonia  
E que as almas com alegria  
Venham te presentear

Com pensamentos e atitudes  
Que as palavras de paz  
Aqueçam teu coração.

Que a estrada do teu caminhar  
Seja a razão do teu brilhar  
Que os olhares venham da alma

Com sorriso e a magia  
Com toda a calma  
Argumentar e sentir a fantasia

Nem sempre alcançamos  
O que almejamos  
O sonho que tanto desejamos.

## GRATIDÃO

---

Poucas palavras representam a gratidão  
Reconhecer nossas bênçãos diárias  
E instalar um sentimento em nosso coração

Cultivando todos os dias  
Esse efeito positivo, de longo alcance  
Beneficiando as emoções...

Gerando uma atitude de gratidão  
Com senso de otimismo  
Provendo o reconhecimento

De sentimentos afortunados e gentis  
Com reserva de oportunidade  
E de crescimento verdadeiro e nada hostil.



## GERSON DOMINGOS DE OLIVEIRA

O escritor e poeta participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Cadeira n.º 38



"A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos  
Só pode exaltar."  
Gonçalves Dias (patrono)

É uma joia rara a primeira professora.  
Ela desperta amor em nosso coração.  
É difícil encontrar quem tem esta graça  
que se transforma em um tesouro.  
Guardada a sete chaves, preciosa.  
É uma amizade eterna.  
Única, como o cometa Halley,  
que passa a cada 76 anos.

O sol aparece todos os dias,  
As estrelas a cada noite nos iluminam.  
A lua, com sua luz, clareia os caminhos.  
Faça sol, chuva, tempo feio,  
a professora-tesouro sempre traz  
um sorriso, nos esperando com alegria.

Alunos, cuidem de sua mestra-tesouro,  
aquela dos primeiros anos.  
Com carinho, deem-lhe um abraço, um beijo.  
Não se envergonhem de quanto a amam.

Nos meus tempos de criança,  
as meninas, de trança e os meninos, alinhados,  
iam para escola com prazer, felizes.  
Pegavam flores do jardim de casa  
e as levavam para a primeira professora.  
O vasinho sempre cheio em cima da mesa,  
todo ajeitadinho e colorido,  
enfeitava o dia da mestra-tesouro.

Filhos, guardem algumas lições sagradas.  
Sigam as instruções de suas mães e  
nunca desprezem o ensino de sua professora.  
O filho sábio alegra seu pai e  
conserva a amizade de sua mestra-tesouro.  
Um terço da sua vida está com ela.

Outros professores bons virão,  
inspirados pela afeição  
à sua primeira professora.





## GIL LEONARDI

Participou de diversas coletâneas literárias, dando voz e forma ao invisível que habita o inconsciente.

É psicanalista e terapeuta homeopata, autor dos livros *Os Novos Caminhos das Terapias no Brasil*; *Homeopatia e as Doenças da Alma*; e *Psicanálise: Um Caminho Para Seu Estudo*. Publicou, ainda, artigos técnicos em revistas especializadas.

Contato: [g.leonardi@uol.com.br](mailto:g.leonardi@uol.com.br)



@GIL.LEONARDI

"Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa,  
em que o destino, para escrever um novo caso,  
precisa apagar o caso escrito."  
Machado de Assis (patrono)



## ELEGIA OU DAS DORES DA ALMA

---

Ah, a alma!!! [suspiros]

Ah, a dor!!! [suspiros]

Alma indolor

Sem alma, sem cor

Sem fado, sem samba

Sem tango, sem rumba

Sem olor, sem bruma

Ah, mas e se a alma fosse indolor?

Não haveria choro, nem a profunda tristeza

Não haveria guerras, nem sua vasta dureza

Nenhum dolo, nem peito sofrendo de horror

Carnes vivas rasgadas, físgadas, sangrando,

Gentes sofridas, arrasadas, de amor lamentando

Nada de mal denso escorrendo das mãos

Nada a queimar por dentro ou a roer com ardor

Ah, mas se a alma fosse indolor

Apaixonados não saberiam do amor

Não haveria na vida da gente

Poesias a escorrer desde o ventre

Ah, mas e se a alma fosse indolor

Nada de poetas, retretas, cantores, amores

Uma vida tão neutra, sem festas, sem dores

Que mais valeria nem ter cá nascido

Nem ter olhos, coração ou sentido

Vida sem vida, sol sem calor

Alma tem dor!

Dor que não se pega

Dor que não se amansa

Dor que não se cansa

Dor que nos afaga

Dor que nos molda

Dor que nos conduz

Para fora das dores

Para um mundo de luz

Minha alma zanga, sangra, rebrilha  
Aguarda ansiosa por mais uma vida  
Em passo de dança  
Em dança divina  
Se enreda em tristeza e...  
Se alarga em alegria

Ah, se a alma fosse indolor  
Não seria alma,  
Nem teria amor

## MINHA CRISE DE ANSIEDADE!

---

Tudo vem de dentro  
Tudo de repente  
Nessa minha mente  
Mente, mente, mente  
Esta mente que me engana  
Gana, gana, gana  
Lotada de arremedos  
Medos, medos, medos  
Presságios e dilemas  
Lemas, lemas, lemas  
Mas quem me ouvirá?  
Virá, virá, virá  
Sei que consigo  
Sigo, sigo, sigo  
Nessa torrente  
Rente, rente, rente  
De uma mentira  
Tira, tira, tira  
Ansiedade, vai-te embora!  
Ora, ora, ora...  
Ninguém ouvindo  
Indo, indo, indo  
Grito calado  
Lado, lado, lado  
De um mundo escuro  
Curo, curo, curo  
E me redefino  
Fino, fino, fino  
Alegre e inteligente  
Gente, gente, gente  
Neste meu recanto  
Canto, canto, canto  
Uma bela cantiga  
Antiga, antiga, antiga  
Como o universo  
Verso, verso, verso  
Assim está perfeito  
Feito, feito, feito  
Onde recomeço  
Meço, meço, meço!



## GIOVANNI CUNHA

Na escrita literária, participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Doutor em Ciências Odontológicas e em Impressão 3D, Design e Manufatura Aditiva - Clínica de Radiologia e Cirurgia Bucomaxilofacial, atualmente é revisor do periódico internacional *Annals of Maxillofacial Surgery*.



@CUNHA\_GIOVANNI



“A Igreja de hoje é melhor que a de ontem.”  
Elyzeu Queiroz de Souza

## O CAMINHO DE VOLTA AO JARDIM

---

Desde o dia em que Adão  
Do Jardim então saiu,  
Caminhando, agora errante,  
Sem destino adiante,  
Vendo sua semente que ruiu.

Nesse dia, pois, Adão,  
Que do Jardim então saiu,  
Soube dos filhos duelarem,  
Por uma oferta até brigarem.  
O primogênito o seu irmão desta vida extinguiu.

Pois passado já Adão,  
Que do Jardim então saiu,  
Se levantou uma geração  
Inclinada a corrupção,  
Que como o vento se espalhou, e a nova Terra possuiu.

Dez gerações depois de Adão,  
Que do Jardim então saiu,  
Havia um velho diferente,  
Que o Criador julgou ser homem prudente,  
E uma sentença dolorosa, atentamente ele ouviu:

“Desde o dia em que formei Adão,  
Que do Jardim então saiu,  
Nunca vi coisa tal  
Que inclinação do homem ao mal!  
Por isso, de forma irrevogável, uma pena se instituiu.

E com cipreste e betume,  
Que Adão jamais tal viu,  
Construirás um barco grande  
Para salvar quem reto ande,  
Da grande chuva que se aproxima, que ninguém nunca previu”.

E o velho, mui temente,  
Que o Jardim jamais tal viu,  
Iniciou naquele ano  
Aquele triste e ousado plano  
Por expressa ordem do Céu, que do Grande Trono se expediu.

Os animais no barco entraram,  
A criação que no Jardim um dia se viu.  
Para conservar a espécie em vida  
De uma terra corrompida,  
Aos dezessete do mês segundo, a predita enchente a Terra feriu.

A forte chuva então caia  
E todo o globo atingiu.  
— O tal velho falava a verdade!  
Mas agora era tarde.  
Pelo lado de fora, foi fechada a porta do grande navio.

Mas, para dar uma solução  
Nessa história de Adão,  
Foi que um homem no madeiro,  
Também chamado de cordeiro,  
Derramou sangue carmesim,  
Sendo Ele a porta de entrada  
do Caminho que nos leva de volta ao lindo jardim.

O vapor alimentava a locomotiva à medida que ela avançava sobre os trilhos. O caminho, todavia, estava rodeado por ambos os lados de barricadas e arames, tornando a ferrovia um campo de batalha.

Os carvões que eram carregados e lançados na fornalha, eram obtidos às custas do labor do foguista, que permanecia em ritmo constante enquanto enxugava a testa manchada pelo calor do ambiente com um lenço vermelho. Os brancos e poucos cabelos, mãos enrugadas e o corpo surrado pelos anos de trabalho não o impediam de manter o trem em marcha inalterada em direção ao seu destino.

O primeiro oficial checava a todo instante o relógio de bolso que trazia consigo — um presente que recebera ao assumir tal posto. Os ponteiros se alinhavam marcando a quarta vigília da noite. Desde a partida, a viagem permanecera contínua noite adentro. Não havia tempo a perder, o conflito iminente tomaria, em pouco tempo, toda a planície.

A aurora tímida anunciava o início de um novo dia. Os olhares recém-despertados por detrás das janelas observavam atentamente o ambiente. O gelo espesso que cobria os lagos e as montanhas ao fundo insistia em cair e repousar como pequenos flocos nas janelas da locomotiva.

O céu cinzento refletia não somente os sentimentos dos passageiros, mas de muitos povos do velho continente. Tampouco havia pássaros. Os personagens da liberdade partiram precocemente ao término do verão. Fuga permanente para terras livres? — *quem saberia...* O silêncio da paisagem gélida subitamente foi interrompido pelas hélices dos aviões militares ao cruzarem os céus. Sobre o rastro de fumaça dos motores se perderam no horizonte, em direção oposta ao trem.

A história que se escreveria tempos depois era presenciada e experimentada pelos ocupantes dos vagões. A viagem apenas começara. As tensões se afloravam. O que aguardava a locomotiva e seus ocupantes? Apenas as próximas horas diriam.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Nota do autor: Essa história iniciou-se na *Coletânea VIII* e continuará na *Coletânea XI*.





## IRIS DE OLIVEIRA VERZARO

Participou de diversos concursos literários e de várias coletâneas.

Publicou seu primeiro livro infantil em 2022, intitulado *O Sonho da Borboletinha*, pela editora Clube da Cultura.

Em 2024, fez parte da *Antologia Respiros*, pela Editora Versum e da antologia *Nós 2: textos de autoria feminina*, pelo selo Off Flip, com o poema "Poética periférica".



@OSONHODABORBOLETINHA

"De noite, alta noite, quando eu já dormia  
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,  
Quem é que meus lábios dormentes roçava,  
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?  
- Minha Mãe! -"  
Casimiro de Abreu (patrono)



## DEUSA PERFEITA<sup>3</sup>

---

Deusa perfeita,  
Feita para amar.  
Não és Afrodite,  
Mas és Estrela  
Que nunca se apagará!

Com grande dedicação  
Conquista meu coração.  
Sinto grande emoção  
De pronunciar com devoção  
O nome da Rosa!

Seu nome é Mãe.  
És sinônimo de amor e pureza,  
És uma Deusa;  
Em sua face resplandece toda a beleza!

Oh, Estrela! — Contemplo seu luzir.  
Oh, Rosa! — Respiro o seu amor.  
Oh, Deusa! — Curvo-me aos teus pés.  
Oh, Mãe! — És meu anjo protetor.

---

<sup>3</sup> Poema selecionado para a antologia *Retratos de Mãe*, em 2003.

## HARMONIA EFÊMERA

---

Ideias ecoam em minha mente  
E, de repente,  
Emergem sentimentos  
De alegria, emoção,  
nostalgia e melancolia!

Ah, então ela vem devagar...  
Tentado dessa agonia me libertar.  
Vem de forma fluída ou densa,  
Desvenda e sela a chaga.

Esse véu que a acoberta  
Vem do mundo das ideias  
ou do reino das Quimeras?

Ela é passado, presente e porvir,  
Entrelaçada nas tramas do tempo!

## INSIGNIFICÂNCIA

---

Na calçada úmida e fria,  
a criança está sentada,  
maltrapilha e desolada.  
Nada mais alegre o seu dia.  
Não há mais brilho no seu olhar,  
mas não deixou de sonhar!

Morando na rua,  
ainda gosta de brincar.  
Uma esmola daqui e dali,  
pessoas passam como vultos,  
tratando-a com insignificância.

A barriga ronca de fome,  
mas já esqueceu o sabor  
de uma boa refeição.  
A mãe cata papelão,  
ganha uns trocados para o pão,  
sonha com uma vida melhor  
E a dor de ver os filhos  
desabrigados e desprotegidos  
aperta o seu coração.

As pessoas que passam  
ignoram ou a julgam pelo olhar.  
Ela abaixa a cabeça,  
chora e pensa:  
*Não queria estar neste lugar!*



## JOÃO BATISTA

Participou de diversas coletâneas, dentre elas *Antologia Respiros*, pela Editora Versum.

Cronista em várias mídias, consagrou o termo "Louveirando", de sua autoria.



@JOAO\_BATISTA\_LOUVEIRA



"Liberdade é pouco.  
O que eu desejo ainda não tem nome."  
Clarice Lispector (patrona)

Sim, eu encontro, nas tuas não respostas, todas as respostas de que preciso, baseado sempre no silêncio do teu fingir que não se importa. Para não responder, há pelo menos que se ler, se não a mente, a escrita, sim. Finjo também que não me importo, mas o balançar incontrolável dos meus pés e o meu olhar distante, procurando o sim onde se pronuncia o não impronunciável, por ter o não o poder de ser um final, na verdade, um fim.

Comprovo e provo, para mim mesmo, que não me escuto também, nem a mim e nem a ninguém que me diga o que eu não queira ouvir; por ali, naquela não reposta, eu — por minha conta e risco —, encontrar um *sim*. Ao contrário do ditado que diz “o não a gente já tem”, eu digo que o *sim* eu sempre tenho, e que, o *não*, pode eventualmente acontecer.

Dentro de mim e dentro de ti, as emoções fazem alarde das coisas vividas, comprovadamente felizes através do teu sorriso expressivo de pura felicidade que, se não me engano — e, em coisas do coração, eu ousar dizer que nunca me engano —, teu sorriso te incrimina como sendo uma pessoa feliz. Longe da minha presença, em outros sorrisos teus, em outros olhares também, não há essa felicidade, dita em voz alta. Aqui, me refiro a voz mesmo, emitida pela boca que sorri e pelos olhos reluzentes, as partes do teu rosto que transbordam a felicidade gerada no coração.

Então, aguçei os meus sentidos, apurados pelo silêncio azul, e sigo acreditando em tudo que vi e vivi ao teu lado; acentuo aqui todos os lados, inclusive os pegares em tuas mãos, num gesto automático, emocionalmente gravado em nossos corações. Sim, o coração acelerou muitas vezes sem, no entanto, morrer de paixão. Aliás (não gosto da palavra “aliás”), uma chave virou, o tempo passou sem pedir permissão e o hoje, que sempre chega para todos, chegou para mim também. Silencioso, como não deveria ser, ele me faz refletir sobre cada palavra, sobre cada sorriso, e até sobre cada irritação alérgica que nossas presenças nos trazem, mas que logo é curada pelo que sentimos, como quando...

...me levou para a sua casa e me apresentou como um igual, num domingo ou sábado, que me sorriu de verdade, bebendo café, mas que também se irritou, sentado ao meu lado. Mas até isso passou, como se fosse comum, como se fosse um cordel que, de tão absurdo, soasse tão real.

Desta história maluca, de quando você atravessou a rua em passos miúdos e conversou com alguém, me resta a sombra da árvore, num meio caminho para você, caminho este assombrado pela voz que ao longe gritou: *Você tá louco?!* Pelo espanto que o grito causou, só me restou, pelo menos naquele dia, ir embora feito um peão, na mão de um menino que não sabe jogar; que ora diz *sim*, ora diz *não*, e que ora não diz nada.

*Ah... aonde você for, eu vou.*

Sim, eu poderia. Mais dois degraus e eu chegaria à porta. Dois degraus apenas. Mas eu, em sã consciência, não queria subir aqueles dois degraus. A noite estava agradável ali fora, e eu, que não gosto de frio, daquela vez, gostei. Além de tudo — ou além de nada —, eu já sabia o que encontraria para além daquela porta, forte e bonita, com duas fechaduras (e aqui, por segurança, não direi quantas chaves ou quantas voltas se dá para abrir ou fechar a porta).

Ali dentro, para além da porta, há livros, quadros, móveis (não os prometidos, mas sim os possíveis) e, para muito além do imaginário — ou do imaginado —, há o burburinho dos transeuntes e dos automóveis, a surpresa das pessoas que adentram o espaço e, muitas vezes, há um silêncio tão profundo que quase dói. Também, posso afirmar, que há sonhos dentro das páginas dos livros, das histórias contadas, dos quitutes, como o bolo “me escangaia” — crédito do Tiokal —, e dos cafés e chás, na maioria das vezes trazidos quentes e deliciosos pela Diacuí e pela Neusa, também ocupantes daqueles sonhos dos livros, ou melhor, fazedoras daqueles sonhos, descritos ou bordados com a habilidade das pessoas talentosas e gentis que somos todos, agora num total de vinte e nove, com a certeza de que brevemente seremos um pouco mais.

Dentro desses sonhos, há também os pequenos pesadelos — eu estou exagerando aqui —, como o assoalho torto, destoando da qualidade das portas e do madeiramento, e agora que o telhado foi consertado, posso dizer, do telhado também. Sim, mas há jeito para isso, inclusive o jeito já foi descrito pelos mesmos que consertaram o telhado, que deixava a água da chuva vazar para dentro do armazém, e que agora não vaza mais. O que vaza, às vezes, são as conversas ao redor do prédio; conversas essas transversais. Não, eu não quero mais do que sonhamos, mas quero, sem dúvida, o que nos permitiram sonhar, não por sermos iludidos ou alienados, mas, sim, por sermos otimistas e acreditarmos no próximo e, também, a meu ver, otimistas na dose certa, já que seguiremos em paz, divulgando a nossa arte, tão necessária quanto a dança que, por sinal, não pode e nem deve ser antagonista dos nossos sonhos. É. Dançar é muito bom. Pena que eu não saiba dançar... Bem, se o caminho é esse, deixa eu caminhar e, talvez, quando leres essas linhas escritas, eu já tenha subido os degraus e tenha me surpreendido com tudo que encontrei ali dentro, como me surpreendo todas as vezes que entro.

Opa, enganei vocês, me perdoem... São três, os degraus.





## JÚLIA FERNANDES HEIMANN

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Autora de onze livros, é membro da Academia Jundiaiense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávaro e da Câmara Setorial de Literatura de Jundiaí.

Contribui ativamente para grupos de trovadores por todo o Brasil. Em março de 2022, foi eleita Delegada da UBT/Jundiaí pela União Brasileira de Trovadores, após ser classificada em quatro concursos de trovas.



“Tarumeiro – tarumã... crescendo para o alto,  
leva em cada ponta, pontas de amor de cunha.”  
Synésio Ascêncio (patrono)

## DIA DO ESCRITOR LOUVEIRENSE

---

Comemora-se, no dia 22 de agosto, o Dia do Escritor Louveirense. Todas as escolas e entidades culturais da cidade devem comemorar a data e informar sua importância.

Esse dia foi instituído pela Lei n.º 2011/2008, em homenagem ao escritor Synésio Ascêncio, que falecera em 22 de agosto de 2002. O projeto foi feito pelo vereador Aparecido Franciscão.

Synésio Ascêncio era paulistano, mas radicou-se em Louveira com sua esposa Helena, e muito fez pela cidade. Tinha o sonho de transformá-la em cidade turística e elaborou vários projetos com esse objetivo.

Conta sua esposa que, pouco tempo antes de falecer, em uma tarde amena, quando o Sol se punha no horizonte, sentado em sua cadeira de balanço no terraço da casa onde morava, na Chácara Santa Luzia, ele disse:

— Amo muito Louveira. Não quero sair nunca daqui!

Seu desejo foi ouvido e aceito por Deus.

O escritor Synésio teve atuação intensa em Louveira. Participou do jornal Folha de Louveira com a coluna “Imagem e Mensagem”. Foi um dos membros fundadores da ECOPAN. Foi ele que lançou e promoveu os hoje famosos: “Pesque e Pague” que proliferam por toda a região.

Foi proprietário da Editora Troféu, em São Paulo. Editou a “Revista Troféu”, a “Revista Nosso Cão” e a “Nosso Clínico”.

É autor de nove livros, incluindo romances, contos e ensaios. Entre os livros, por ele publicados, está “O Homem Debaixo do Sol”, um precioso presente que o amigo Samuel Moscospky me fez.

Ao honrar-me com esse presente, disse:

— É o único exemplar, cuide bem!

Meu Deus! Quanta responsabilidade! Fico-lhe eternamente grata por isso! Dizer que apenas li o livro não será verdade, eu o “devorei”! Na capa posterior há uma foto do autor e esta linda mensagem:

*“Às vezes, um homem resolve desertar. Desertar de si mesmo, da maneira como o construíram. E, então, ele se autodemole, telha por telha, parede por parede, até revolver os alicerces que julga falsos. Olha para a*

*desolação em torno. Sente aí a fragilidade do seu próprio equilíbrio e, corajoso, inicia a reconstrução, agora sob seus próprios princípios.*

*Só, num mundo de quatrocentas léguas, perdido na selva, Zé Dias reconstitui a emoção e a vida, cria a sua moral e consegue dar forma ao seu novo universo.*

*Triunfo sobre a alienação, a covardia ou a indiferença, ele tem agora um mundo exclusivamente seu, onde só penetram os que, como ele, descobriram a ternura como a grande companheira de viagem.”*

O romance “O Homem Debaixo do Sol” conta a saga do médico José Dias Aranha que, sendo morador de uma cidade grande, via tudo ao seu redor muito frio, as pessoas sem comunicação, sem um cumprimento, sem um olhar. Começa, então, a meditar se isso está certo, se isso é jeito de se viver, e resolve mudar sua vida.

Quando se despediu da família e dos amigos, falando o que pretendia, o consideram um louco, para eles José virara um monstro. Nada o moveu e ele partiu. Não estava feliz, sua aspiração não era como a dos outros que corriam atrás de cargos públicos, conforto, dinheiro e de hábitos sociais, como o de se reunirem para beber.

E o personagem José Dias Aranha saiu para o mundo, com o coração dilacerado pela frieza das pessoas da cidade. Pegou um trem e foi até o final da linha, não sabia onde estava e nem para onde queria ir, só almejava ter contato com a natureza, com pessoas simples, sinceras. E, assim, começou a saga do ex-médico, personagem do enredo.

Mergulhando no sertão, encontrou pessoas boas e más, o autor vai descrevendo a vida simples que levam, o encontro com Juca que chama as vacas pelos nomes e elas atendem. A admiração pelos bandos de papagaios, periquitos e dezenas de outros pássaros que cantam livremente. Fica embevecido com Joana, *cabocla* bonita e de muitos amores, divide-a com Juca, sem que esse se importe.

Depois de algum tempo nessa paragem, resolve partir atrás do destino. À p.50, escreve:

*“Olhando, assim, o sertão despido de gente, é que o homem, que resiste, se torna herói. Quantas voltas ele dá antes de encontrar rumo definitivo e guarida para seu corpo e suas ideias?”*

E o livro vai descrevendo a rudeza dos habitantes, que não são maus, mas têm suas próprias leis. Ouve sua sentença de morte por usar

uma égua que não era sua. Nesse trecho, nem dá para se respirar de tanta curiosidade de como ele vai conseguir se livrar da cascavel! Mostra que, tanto as megalópoles quanto o sertão são cruéis e difíceis para a sobrevivência. Os dois podem ser bonitos, mas não são humanos.

Ao tentar salvar uma criança doente, enfrenta a correnteza de um grande rio à procura de algum recurso médico, não sabe onde se encontra, nem de onde veio ou vai. Sem conseguir salvá-la, percebe quão inútil se tornou. Morta a criança, resolve levá-la de volta aos pais — para que enterrem o único filho que lhes restou. Como a viagem é demorada, os urubus começam a atacar o corpo da criança, e José trava uma luta com os abutres que se sentem no direito inegável que lhes foi conferido. Ele quer, de qualquer maneira, devolver o corpo aos pais, sente-se na obrigação disso. O drama é violento. Não consegue e, durante a luta, a canoa vira e o corpo cai, sendo logo devorado pelos abutres.

Ele segue a viagem e diz aos pais que o menino morreu tranquilo, sem sofrimento e que o enterrou num campo lindo, cheio de flores.

Sua derrocada emocional se faz presente e a solidão é forte. Conversa com os animais, com o rio e com tudo o que encontra.

Romance contundente, mostrando a luta de um homem sensível contra os poderes da arrogância, da individualidade e da rudeza do sertanejo. Um belo presente que recebi do amigo Samuel!

Aqui deixo meu preito de gratidão a Synésio Ascêncio pela capacidade em desnudar e descrever o sentimento de muitos seres humanos. Demonstrou ser competente conhecedor da sensibilidade humana.

Muito bem merecida a homenagem que lhe foi feita por Louveira, sua cidade do coração! No dia 22 de agosto de 2024, na sede da ALLA, o acadêmico Samuel Moscospky apresentou a vida e obra de Ademir Tasso, patrono da cadeira n.º 1. Assim, deu início ao projeto de Homenagem aos Patronos. A viúva de Ascêncio, Sra. Helena, e a de Ademir, Sra. Elza Tasso, receberam flores em agradecimento pelo legado que ambos deixaram.

A solenidade foi maravilhosa com muita emoção e carinho.

Salve o Dia do Escritor Louveirense!



## KÁTIA REGINA MARTINS

A escritora e poeta possui diversas publicações em suas mídias sociais.



@KATIA.ARTEMIS

"Vestiu-se ela  
Clara e bela  
Presa por fios invisíveis  
Se sustenta de amor e segue  
Rota traçada pela eternidade."  
Jorge Lemos (patrono)



Me contaram um segredo  
De muito tempo atrás  
Uma vingança em pleno curso  
Que nenhuma desculpa desfaz

Um homem frio e implacável  
Pago para fazer o outro sofrer  
Entregue ao desejo insano  
Sufocando mulheres incapazes de correr

Quando ele viu aquela preta,  
Sua boca salivou  
Ela seria sua escrava  
E a tortura começou

O tempo passou e ele foi capaz  
De dar os filhos daquele abuso  
Sinto ainda as lágrimas da preta  
Perdendo os filhos para o mundo

A roda girou e todos evoluíram  
O coração do homem mudou  
A fragilidade da mulher de outrora  
Pelo sofrimento se transformou

Hoje, as lágrimas são dele  
Vê, com tristeza, o sofrimento que causou  
O amor cresceu em sua alma  
E acolhe, agora, a mulher que judiou

Se pudesse, voltava no tempo  
Como há de se perdoar ato tão vil?  
Por ela, sente extrema ternura  
E tenta resgatá-la do redil

Daquele trem em que a jogara  
Resta agora triste melodia  
Ele pede por ela aos anjos  
Mesmo que em hora tardia

As tramas do destino nos unem  
Para aprendermos na convivência  
Ele trabalha para que ela seja feliz  
Tenha esperança e cresça

Engraçado que dessa história  
Também nasça amor fraternal  
Deus nos dá a dádiva da vida  
Para que, juntos, vencamos o mal!

O que há?  
Por que choras?  
Teu peito arfa  
Pela demora

O olhar calmo  
Deu lugar  
A uma espera  
Um pesar

Um amor  
Não vivido  
Um grito no peito  
Escondido

Choro agora  
Amanhã sorrirei?  
Por qual caminho andavas  
Que não te notei?

Um coração pulsando  
Na distância do tempo  
Sentimento bandido  
Arrebatamento

Onde estarás?  
"Felizes para sempre"?  
Por que esconder?  
O que sentes?

Hiato forçado  
Verdade mascarada  
Caminho interrompido  
E mais nada

O que há?  
Perdeste o caminho?  
Percebe meu amor  
É um farol te seguindo!





## LARISSA SCOMPARIM

Teve projetos aprovados no ProAC e foi premiada nos concursos *Ler um Livro para Ler o Mundo* e *Movimentos das Cidades*. Foi finalista do primeiro Festival online de Poesia Autoral Falada.

Criou o canal *INFINITO JÁ!* e, em 2023, lançou seu livro infantil *Pandemia pra cá, pandemia pra lá*, pela Editora Becalet.

Participou de diversas coletâneas, incluindo *No Baú da Vovó*, pela Editora Clube de Autores (2021) e *Antologia Respiros*, pela Editora Versum (2024).

Contato: [larissa.scomparim@gmail.com](mailto:larissa.scomparim@gmail.com)



@LARISSA.SCOMPARIM



"...que seja infinito enquanto dure."  
Vinicius de Moraes (patrono)

## DO GRÃO À PÉROLA

---

A ALLA é Louveira, Louveira está na ALLA.

Tive a imensa honra de entrar para a ALLA, Academia Louveirense de Letras e Artes...

Nossa, emociono-me toda vez que falo, porque em minha mente borbulham tantos pensamentos... É como voltar no tempo e estar ao lado de Machado de Assis fundando a Academia Brasileira de Letras aos moldes das academias europeias. Estar na ALLA é como ter entrado em uma máquina do tempo e que assim me faz voltar aos momentos efervescentes dos encontros literários dos fundadores. É isso mesmo, eu estou ao lado de fundadores, e estou tendo acesso e convivência com a história da cidade de Louveira. Em cada fala, em cada texto e em cada reunião eu conheço um pouco mais da história dessa cidade encantadora, como uma pérola escondida dentro da ostra.

E por falar em pérola... Essa esfera tão bonitinha curiosamente é produzida dentro das ostras e é consequência de uma irritação do minúsculo grão de areia que invade seu interior, provocando a reação de criar uma camada envolvendo o corpo estranho dentro do molusco, com a película chamada de madrepérola e assim surgem as pérolas. Esplêndida, a Mãe Natureza! É bem caprichosa! Pensar que, para sua defesa, um organismo produz o objeto de desejo e cobiça dos seres humanos, que buscam muitas formas de contemplação e até ostentação de sua beleza, plenitude e, principalmente, exclusividade. Afinal, as pedras mais preciosas, além de refletirem uma beleza sem igual, quanto mais raras, mas se tornam mais caras, mais valiosas e geram maior ambição.

Louveira é um pouco disso... um grão de areia espremido por tantas cidades grandes ao seu redor. Ela fica protegida, tendo a rodovia Anhanguera que a cruza como a sua concha; mas por dentro dela há vida! As pessoas transbordam e extraordinariamente criam as histórias mais fantásticas que vão sendo reveladas aos poucos.

Sinto tantas emoções por estar ao lado de pessoas que fazem parte dessas trajetórias, mas também dos imortais que passaram pela ALLA.

Só aqueles que têm admiração pela Cultura e pelas Artes podem mensurar o quanto tudo isso é grandioso e ao mesmo tempo extremamente simples, porque retrata a vida, a sociedade e as pessoas.

A Cultura por aqui é pulsante. É o nosso distanciamento do mundo primitivo até a evolução digital, é o nosso pulo na cadeia evolutiva. E aqui estamos: seres tão fracos biologicamente, que nem pelos possuímos para nos proteger do frio; mas que souberam tirar da natureza os equipamentos necessários para criar nossas vestes e atingir os pontos mais inóspitos do planeta.

Não temos estatura física imponente, tampouco músculos fortes, garras e muito menos dentes tão afiados para confrontar os predadores no topo da pirâmide alimentar; mas criamos estratégias de defesa e ataque que permitiram nos proteger e perpetuar a espécie. E o resultado de tanto conhecimento? Capacidade também de inventar coisas ao ponto de ter um botão vermelho com potencial de extermínio total do planeta. Por isso, a cada dia, somos reféns do que conquistamos. Sábias mentes usam do entendimento e intelecto para ir orientando virtudes e assim tentam ir contendo esse turbilhão que é a humanidade.

Vivemos um momento muito tenso e complicado, que pode ser comparado a um tsunami que chega de forma arrebatadora e arrasta tudo, e, de repente, a calmaria. Mas, as coisas que voltam nunca são as mesmas e não estão no mesmo lugar; o pobre grão de areia que ficou na praia sem entender a mexida que aconteceu sente em seu corpo a mudança. Gosto de pensar que, se esse grão, com sua história, ao entrar na ostra, ele desencadeará consequências e o ciclo continuará. Ele irá incomodar sua hospedeira, a ostra, a ponto de ela precisar gerar uma proteção. Assim, de um corpo estranho, mas com sua história, outro corpo, incomodado com a presença do invasor, reage e modifica, à sua maneira e dentro de sua capacidade. Os efeitos podem ser magníficos, como os de uma pérola, que nos encanta por sua beleza. No entanto, pensar em tudo o que ela carrega — na história e nos sentimentos — é muito mais significativo.

Assim são os ciclos. Assim são as obras artísticas. Assim são os produtos da Cultura. E assim são os atos dos humanos. Misteriosamente, nossa herança cultural é passada de geração a geração, o que nos permitiu sobreviver até agora em nosso planeta. Poder resgatar as falas dos acadêmicos, seus textos e trabalhos artísticos nos livros sobre o que é ser e amar Louveira é uma honra... e uma pérola.

Dia pesado, pensamentos intensos  
Repouso cedo, sono profundo  
Olhos despertam e a mente se agita  
Um gole de água, aspirina  
Viro pro lado, puxo o lençol  
Beijo um, beijo outro e envio mensagem  
Coração apertado, nó na garganta  
Desisto...

Ponteiro gira e o sono não vem  
Resolvo escutar e as memórias gritam  
Não devia, não foi justo, o que fazer?  
Procurar ajuda? Corredor vazio!  
Enviar mensagem? Não foi lida!  
Efetuar uma ligação? Não atendida!  
Email? Nem usam mais...  
Faço um convite? Não foi aceito!  
Te espero lá! Não veio...  
Bom dia?! *Falô?* O quê?  
A verdade? Aceitam?  
O que querem ouvir? Acalma? A quem?  
Escutam? Entendem? Amparam? Acolhem?  
As lágrimas correm...  
Aceito, respiro, enxugo-as, levanto-me, ligo, digito, escrevo — e ponto.



## LEONARDO LENDÁRIO

Arte-educador e artista visual, com desenhos, ilustrações, telas e murais em várias cidades. Participou de diversos eventos de graffiti e exposições coletivas. Em 2023, dois livros ilustrados por ele foram publicados em parceria com a escritora Débora Cunha.

Tem mergulhado, cada vez mais, no universo da escrita literária.



"Afiml tudo desaparece. E, inteiramente vazio,  
fio tempo sem fim ocupado em riscar as palavras e  
os desenhos. Engrosso as linhas, suprimo as curvas  
até que deixo no papel alguns borrões  
compridos, umas tarjas muito pretas."  
Graciliano Ramos (patrono)



Acorda cedo  
Mas já está atrasado  
Para enfrentar o *busão* lotado  
Seu café sempre está frio e amargo  
Pão murcho, a cada mordida,  
estica igual borracha

Seu instrumento de trabalho  
é a colher e a enxada  
Constrói casa, sem ter a sua  
Pelo sol, sua pele está ressecada  
E, sua mão, cheia de calo

No almoço, come marmita fria:  
Mistura é só no 5º dia

Na volta para casa,  
o cansaço o desmorona  
no banco do *busão*

Olhares de preconceito ainda mutilam seu coração  
Roupa suja de terra é o seu uniforme

Em casa, a rotina de ontem se repete  
Banho gelado,  
ouvir as notícias no rádio,  
jantar e ir dormir

A cada noite antes do sono vir  
questionamentos não param de surgir:  
*trabalho tão duro e na vida não progredi*  
Lágrimas escorrem pelo seu rosto  
e, no peito, o sentimento de decepção e desgosto.  
O dinheiro não é suficiente...  
*Não vivo, sou apenas um sobrevivente.*

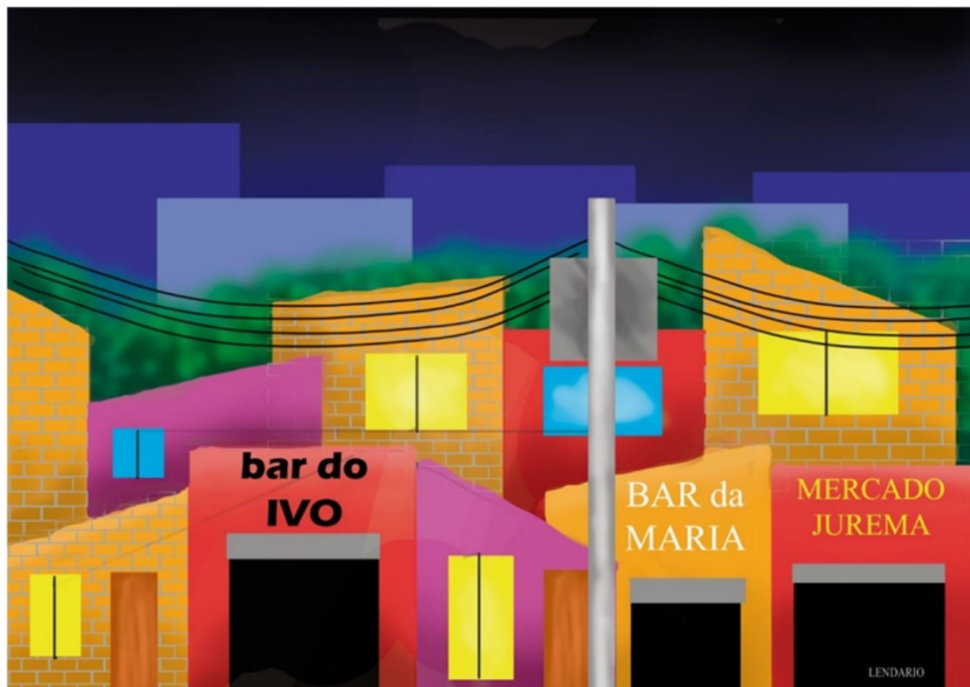


PAINEL: CORES DA NATUREZA - LOUVEIRA/SP - 2024



MURAL: NELSON MANDELA - AMERICANA/SP - 2023





ARTE DIGITAL: A FAVELA - 2023



ARTE DIGITAL: O LAGARTO DO RIO TIETÊ - 2022





## LIAH ALBUQUERQUE

Com obras publicadas e prêmios conquistados, vai consolidando e expandindo sua carreira literária.



@LIAHALBUQUERQUE\_ESCRITORA



“Eles passarão... Eu passarinho!”  
Mario Quintana (patrono)

Serena noite e cores novas às cortinas puídas.

Da varanda logo se via, à luz da lua, um tom diferente no sorriso das gueixas segurando seus guarda-chuvas (descorados há anos).

Lá fora, as folhas mortas tentaram adubar aquela terra; e a mulher sentada na cadeira de pernas bambas (tão velha quanto ela) assistia todos os dias ao vai e vem das palmeiras dançando.

Ela sonhava acordada. Melhor seria imaginar-se florista...

[Bobagem. Não havia jardim florido algum (o período era mesmo de estiagem)]

Na certeza do tempo escasso, ela olhava as cartas guardadas na gaveta da cabeceira. Uma a uma (memórias de quando ainda era jovem).

Fora esquecida. Sem filhos. Sem amigos. Sem família.

[Estava sozinha]

No colo daquela triste artista, poemas jamais lidos por alguém (a não ser por ela mesma e suas caladas companheiras de quarto apoiadas nos cantos da janela).

As mãos escreviam cartas ao seu amado, mas nunca chegaram ao destinatário (belas e antigas rimas).

Olhos cerrados [lágrimas silenciosas banharam (pela última vez) seu *peignoir* de seda estampado].

Chegara o momento da despedida.

[Recolhidas todas as sombrinhas]

Ela havia partido.

---

<sup>4</sup> Prosa poética que deu origem ao seu romance *Cartas que Nunca Chegaram ao Destinatário*.

Enquanto todos dormiam,  
eu te observava (de olhos calados).

Sorrias para a lua  
quando viraste pálida e insignificante poeira cadente  
(perdeste o brilho próprio, de repente).

Estrela solitária,  
apagada no céu desértico  
(frio e nublado).

[E pensar que teu sonho era levar luz aos quatro cantos do mundo...]

Se posso fazer um pedido (e reza a lenda que sim),  
por favor, não fujas e nem te percas de mim.

Minha janela está aberta (um velho hábito adquirido),  
na esperança de ver-te fulgir.

[Eu sei que ainda estás aí]

O que fazer com tantas vírgulas  
em minha vida?

As reticências  
de mim duvidam...  
Então, sigo com minhas interrogações.

Por que perder tempo  
Com um ou outro ponto e vírgula?

Abro meus parênteses,  
passo pelos travessões  
— que atravessam meus pensamentos —  
e aqueles imperceptíveis dois pontos  
me obrigam: *viva!*

É quando tenho certeza  
de que minhas exclamações  
têm sentido!

[Eu sorrio e pulo uma linha]

Estou pronta  
para mais alguns parágrafos, afinal.

Viro a página,  
e só Deus sabe  
quando será a hora  
do ponto final.



## LORI SANTOS

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Foi colaborador da Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato e vem contribuindo para o cenário cultural de Louveira.



@LORIVALS



"Só veem as belezas do mundo,  
aqueles que têm belezas dentro de si."  
Rubem Alves (patrono)

## RECOMPONDO

---

o trauma da rejeição atravessa a minha sina,  
obrigando a me recompor todos os dias;  
a minha evolução parte de um único princípio:  
aceitação recortando as minhas rimas

árduo trabalho é a reconstrução de uma alma  
despedaçada: traço arquétipos, moldo simulações  
cabelo, barba, alfaiataria — esdrúxulas harmonias

varro qualquer desprezo pra baixo do carpete  
na indulgência de restaurar a ordem há muito galgada  
escalo rochedos, avanço alvoradas, desconstruo maquetes

## CRAQUELADO

---

do sentimento de insegurança, todos padecemos  
ádua é a busca por ridícula perfeição  
necessitamos arejar a alma, mesmo que solitária,  
seguindo retorcida pela eterna frustração  
vagarosamente esperamos o inverno anoitecer  
por fim, colhe-se um rosto em meio à multidão  
melancolicamente sentindo-se craquelado,  
buscamos por um pedaço faltante,  
rompendo por dentro o nosso amanhecer!

## PEDAÇOS

---

Toda vez que sou destruído, forçosamente me recomponho  
Sempre que volto, vou catando os pedaços,  
na esperança de me reencontrar inteiro outra vez

Iludido, acho que estou melhor, pura nostalgia  
Apesar do rancor, a dor ensina-me a repensar sobre as escolhas,  
pontas soltas, labirintos incongruentes; sobre o amor, alergia

Danos causados não nos tornam mais fortes  
Visto uma carapaça, arrumo a solidez,  
costuro sobre a minha pele uma nova fantasia





## MARLEI CAMANHES DE OLIVEIRA

Seu percurso nas artes plásticas inclui trabalhos em pintura a óleo sobre tela, aquarela e mosaico.

Formou-se na Escola Panamericana de Artes e participou de uma série de cursos livres, com destaque para o realizado com o Professor Ferdinando Bastíglia.

Ministrou aulas, participou de diversas exposições e recebeu premiações por suas obras.



@ALMADA\_CAMANHES



"Olha-me de novo.  
Porque esta noite olhei-me a mim,  
como se tu olhaste."  
Hilda Hilst (patrona)





MOSAICO COM AZULEJOS - 0,30 x 0,30 m



MOSAICO COM AZULEJOS - 0,30 x 0,30 m



AQUARELA SOBRE PAPEL - 0,37 x 0,28 m - "TARDE DE CHÁ"



AQUARELA SOBRE PAPEL - 0,42 x 0,59 m - "COPOS DE LEITE"





## NEUSA ROSSI CEVALHOS

Professora de artes manuais na Prefeitura Municipal de Louveira domina diversas técnicas, como crochê, bordados (Hardanger, ponto reto, ponto cruz, ponto livre, crivo, ponto ajour, entre outros), macramê e patch applique.



@NEUSACEVALHOS



“Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.”  
Guimarães Rosa (patrono)





Vagonite e crochê



Ponto Reto e Macramê



Rococó e crochê



Macramê



Patch Applique e ponto livre





## ODETE MOSCOSPKI

Artesã de bonecos de pano, bordados, *patchwork* e *biscuit*, com domínio de várias técnicas.

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).



Aleijadinho (patrono) foi um renomado escultor e entalhador brasileiro, conhecido por suas obras-primas do barroco mineiro.











## SAMUEL MOSCOSPKI

Um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira. É autor da letra do Hino da ALLA e atual vice-presidente da Academia.

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde a primeira edição (2015) e possui obras premiadas e publicadas em diversos meios de comunicação.

"Por que voltaste,  
Se foi para me dizer adeus?  
Por que fazer rolar  
Dos tristes olhos meus  
O pranto...  
Que tanto aumenta meu sofrer?"  
José Ademir Tasso (patrono)



Terra querida em que nasci.  
Já não sou mais teu menino,  
onde éramos de casas pequenas  
e de famílias grandes,  
hoje somos de casas grandes  
e de famílias pequenas.

E esta malvada saudade  
anda comigo, pelos teus caminhos,  
cutucando o meu peito como se fosse espinho.  
Às vezes, chego a chorar sozinho,  
pois na sua estrada boiadeira  
já não galopa mais o meu alazão,  
onde o asfalto cobriu de negro  
até mesmo o cheiro do teu chão.

Teus sítios de belas videiras,  
hoje, são dominados pelos luxuosos condomínios,  
transformando suas plantações em cidade.

Os trilhos da tua velha estação  
vão sendo corroídos pela ferrugem de suas autoridades  
e, aos poucos, vão apodrecendo os dormentes,  
transformando tudo em realidade.  
E, quando escuto o apito do trem cargueiro,  
vem-me a lembrança do trem de passageiros  
e meu peito sofre a dor de minha saudade.

## AINDA TE ESPERO

---

Construí nosso ninho de amor  
E, você, a moça mais linda  
E nele, juntos, fomos morar.

Fiz as paredes de pau a pique  
E o telhado caprichei  
Com as folhas do buriti.

Passaram-se muitos anos  
Nessa nossa felicidade,  
Até que, numa noite,  
Você se levantou na ponta dos pés

E, bem distante, escutei  
Quando a porteira bateu;  
Só que eu não sabia  
Que era seu último adeus.

Hoje eu vivo te procurando  
Por toda a cidade,  
Te espero todas as tardes,  
Mas só te encontro no meio da noite,  
Dentro de minha saudade.

O gramado tremia de emoção,  
Onde o time do Ipiranga jogava.  
Verdadeiros guerreiros de coração  
Quando os jogadores no campo entravam.

Hoje, os dribles ainda vivem na memória  
E deixaram, em cada jogo, uma saudade.  
Verdadeiros colecionadores de grandes vitórias  
Por todos os campos, fora e dentro de nossa cidade.

Pena que o tempo passou depressa demais  
E deixou a saudade dos meus *ais*.  
E nos gramados dessa nossa vida,  
Muitos já não se encontram mais.

E nesta terra abençoada das videiras,  
Felizes aqueles que nele jogaram um dia,  
Certamente jamais haverá outro time em Louveira  
Que possa fazer o que meu Ipiranga fazia.





## SANDRA REGINA ROSSI

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição 2015) e, ainda, de diversas publicações, entre elas *Antologia 1001 Poetas*, promovida pela Casa Brasileira do Livro.

Em 2021, conquistou o 3º lugar no concurso promovido pela AIL - Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, com a crônica *Na Varanda da Casa de São Simão*, e foi destacada pela Literário Nacional com *Luzeiros da Lagoa*.



@SANDRAROSSIAVOGADA



“Feliz aquele que transfere o que sabe  
e aprende o que ensina.”  
Cora Coralina (patrona)

## CONFUSÃO DE SENTIMENTOS

---

No labirinto do coração, onde os sentimentos se confundem,  
Entre a alegria e a tristeza, onde os opostos se fundem,  
Emaranhado de emoções, onde a mente se perde,  
Na dança dos sentimentos, onde a alma se prende.

É como um turbilhão, um mar revolto de sensações,  
Onde o amor e o ódio se entrelaçam em orações,  
A felicidade se mistura com a melancolia,  
E a serenidade é um oásis na agonia.

Pode ser difícil decifrar esse enigma da alma,  
Mas, na confusão dos sentimentos, há uma calma.  
A única certeza que nos é concedida  
É que cada momento vale a pena nesta vida.

Assim, mesmo na tormenta, seguimos adiante,  
Com fé no coração, enfrentamos todo instante.  
No fim do labirinto, há uma lição aprendida:  
Tudo vale a pena ser vivido, nesta jornada colorida.

## QUANDO TUDO PARECE DESABAR

---

Quando tudo parece desabar, no caos profundo,  
Onde a luz é apenas um vislumbre distante  
E o coração sofre sob o peso do mundo  
E a esperança se dissipa como fumaça errante,

É nos escombros do desespero que encontramos  
As sementes de um amor que ainda floresce  
Nas brechas da dor, os laços a que nos ligamos,  
E, nas lágrimas, a força que não adormece.

É o amor que ergue do abismo a coragem,  
Que nos guia através da mais escura noite,  
É a luz que brilha em meio à selvagem miragem,  
É a mão que nos ajuda a alcançar a altura do auge.

Assim, quando tudo parece desmoronar,  
Olhemos para dentro, onde o amor reside:  
É lá que encontramos forças para caminhar  
E superar as tormentas, lado a lado.

## TUDO PASSA

---

Na dança efêmera da vida, breve e capaz,  
Uma flor desabrocha, com perfume e viço audaz.  
Sua beleza radiante, um espetáculo sagaz,  
Que encanta e entristece, num sopro fugaz.

Ondas do tempo batem, num ritmo implacável,  
Levando sonhos, ilusões e o inevitável.  
Memórias fluem em rios caudalosos,  
E o passado se torna um eco, em sons nebulosos.  
No fluir incessante do rio temporal,  
Encontramos nossa jornada, num caminho sem igual.  
Cada instante é um presente, único e especial,  
Uma experiência viva, num universo colossal.

Então, abracemos o fluxo da vida, com serenidade e gratidão.  
Tudo passa, tudo muda, mas o amor é a eterna canção.  
E, no fim, quando olhamos para trás, compreendemos, afinal,  
Que o que importa são as sementes plantadas que deixamos como sinal.



## SONIA BALDO

A escritora e poeta participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Seus textos são publicados na plataforma digital Recanto das Letras.

"Não sejas o de hoje.  
Não suspires por ontens...  
Não queiras ser o de amanhã.  
Faze-te sem limites no tempo."  
Cecília Meireles (patrona)



Foi uma longa jornada  
Só se avistava invernada  
Não havia condução

Acompanhei meu pai a procurar  
Um novo lugar para morar  
Era difícil a situação

Tudo parecia tão distante  
Mas alcançar era importante...  
Enfim, chegamos naquele lugar

Na entrada, uma capela  
Nos pusemos a rezar  
A porteira estava aberta  
Convidando-nos a entrar

A fazenda era linda  
A colônia cor-de-rosa  
O administrador era seu Tico  
Um senhor de muita prosa

Ficou tudo acertado  
De fazermos nossa mudança  
No rosto cansado do meu pai  
Os olhos brilharam esperança

Ao lado da grande sede  
A cachoeira prazerosa  
Um açude e o campo verde  
Fez a caminhada valorosa

Trabalhamos lá na roça  
De sol a sol e até geada  
Enfrentamos com firmeza  
Pois a fome se acabava

A nossa vida era outra  
Tinha casa mobiliada  
Na sala de chão vermelho  
Tapete de couro enfeitava

Até banho de bacia  
Que antes a gente tomava  
Virou gostoso banho de chuveiro  
Era festa pra molecada

Um dia lá na roça  
A patroa foi cavalgar  
Deu de cara com duas moças  
E as chamou para, na sede, trabalhar

Eu virei copeira  
Minha irmã virou babá  
Minha mãe lavadeira  
Meu irmão foi gado tocar

Hoje converso com a saudade  
Que o tempo vai deixando  
Do meu passado cor-de-rosa  
Que ainda choro recordando!

Há no mundo a insensatez  
Há no mundo o equilíbrio  
Basta olhar com bons olhos  
e escolher o que dá alívio

Há no mundo a discórdia  
Há no mundo a harmonia  
Basta olhar com bons olhos  
E escolher o que traz alegria

Há no mundo a tempestade  
Há no mundo a bonança  
Basta olhar com bons olhos  
E escolher a esperança

Há no mundo o egoísmo  
Há no mundo a caridade  
Basta olhar com bons olhos  
E escolher cumplicidade

Há no mundo quem te põe no chão  
Há no mundo nuvens a amaciar  
Basta olhar com bons olhos  
E escolher se levantar

Há no mundo as flores  
Há no mundo os espinhos  
Basta olhar com bons olhos  
E colher as flores no caminho





## UBIRAJARA DE SOUZA TAVARES

Participou de todas as coletâneas da ALLA desde sua primeira edição (2015).

Venceu vários prêmios e concursos, entre eles o Concurso de Contos do Jornal de 2ª Feira, de Jundiaí, e participou de diversas coletâneas.

É autor de *Meu Alguidar de Sonhos* (1987), *Meu 'D'us! Meu Rafhem! O que Sou! Ou o que Somos!* (2017) e *Minha Vida e Meus Sonhos em Contos e Poemas* (2018), publicados pela Editora Iluminatta.

É membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí, da Academia Jundiaiense de Letras e membro-correspondente da Academia Pedralva de Letras e Artes de Campos.

Geraldo Barbosa Tomanik (patrono) foi um museólogo e educador brasileiro, reconhecido por suas contribuições à educação museal. Ele enfatizou a importância dos museus como espaços de aprendizado e cidadania, defendendo que devem promover a educação e a valorização cultural.



## SONETO DAS MÃOS

---

Repousai, repousai, ó mãos nervosas,  
Nem que seja um minuto em meu regaço,  
Mas não fiqueis assim, pelo espaço,  
Febris, convulsas... — Como sois teimosas!

Vossos tremores vão por cada braço  
Em contrações contínuas, dolorosas,  
Repousai, repousai — mãos caprichosas,  
As vossas contrações trazem cansaço

Já termina o inverno e a primavera  
Novamente floresce... E essa espera  
Do amor que tanto quis e ainda quero.

Vossos tremores — agonia lenta  
Calvário do amor, ânsia que aumenta  
Quanto mais tarda e quanto mais espero!

O teu amor causou-me mal tamanho,  
Que por pouco esse amor não me consome,  
Mas busco outro amor, amor que dome,  
Esta revolta, meu maldito ganho.

No coração tu me cravaste o nome  
Em forma de punhal, punhal estranho,  
Que fere, mas não mata e que, ao lanho,  
Só pérola se fez e o peito some.

Por teu capricho, sou um caso a mais,  
Joia vulgar, enfim, do teu fascínio,  
Na insensatez do teu cruel domínio.

Não tarda o dia em que serei liberto  
Por outro amor que, com engenho certo,  
Cure o meu peito e me devolva paz!

Se dos plátanos as folhas caídas  
Forrarem terras... E ao sabor do vento,  
Levadas vão, momento após momento...  
E as saudades virão às nossas vidas.

Daquelas que as amei! Que sentimento  
De perda... De vazio e coisas idas,  
Que outrora acreditei terem perdidas  
Em naus do tempo e delas já isento!

Naus que se vão ou ficam nos sonhos...  
Outras que vêm...  
Se a ilusão voltasse  
Trazendo as folhas e a ramaria!

Quando em noites chegarem meus vagares  
E as lembranças ficarem face a face,  
Terei só a solidão por companhia.





**Ana Laura de  
Carvalho Patrão**

Cadeira n° 9  
Patrono  
Ariano Suassuna



**Andrea  
Pelegrinelli**

Cadeira n° 36  
Patrono  
João Cabral de Melo Neto



**Aparecido  
Bi de Oliveira**

Cadeira n° 35  
Patrono  
Edilson Caldeira



**Armando José  
Heimann**

Cadeira n° 17  
Patrono  
Monteiro Lobato



**Benedito  
Aparecido Corrêa**

Cadeira n° 20  
Patrono  
José Fortuna



**Diacuí Pagotti**

Cadeira n° 16  
Patrono  
Humberto de Campos



**Donizete  
Saraiva Deolindo**

Cadeira n° 36  
Patrono  
José Rico



**Edinéia Rocha**

Cadeira n° 37  
Patrono  
Heitor dos Prazeres



**Eleide Reges**

Cadeira n° 27  
Patrono  
Jorge Amado



**Gerson Domingos  
de Oliveira**

Cadeira n° 38  
Patrono  
Gonçalves Dias



**Júlia Fernandes  
Heimann**

Cadeira n° 15  
Patrono  
Synésio Ascêncio



**Kátia Regina  
Martins**

Cadeira n° 40  
Patrono  
Jorge Lemos



**Larissa Scomparim**

Cadeira n° 11  
Patrono  
Vinicius de Moraes



**Leonardo Lendário**

Cadeira n° 21  
Patrono  
Graciliano Ramos



**Liah Albuquerque**

Cadeira n° 7  
Patrono  
Mario Quintana



**Sandra Regina  
Rossi**

Cadeira n° 10  
Patrona  
Cora Coralina



**Sonia Baldo**

Cadeira n° 25  
Patrona  
Cecília Meireles



**Ubirajara  
de Souza Tavares**

Cadeira n° 18  
Patrono  
Geraldo Barbosa Tomanik



**Carlos Miceli**

Cadeira nº 33  
Patrono  
Tom Jobim



**Carlos Tiokal**

Cadeira nº 30  
Patrono  
Noel Rosa



**Cida Reis**

Cadeira nº 28  
Patrono  
Carlos Drummond  
de Andrade



**Darcio Calligaris**

Cadeira nº 13  
Patrono  
Augusto dos Anjos



**Débora Cunha**

Cadeira nº 8  
Patrono  
Érico Veríssimo



**Gil Leonardi**

Cadeira nº 2  
Patrono  
Machado de Assis



**Giovanni Cunha**

Cadeira nº 24  
Patrono  
Elyseu Queiroz de Souza



**Hercilio Soares**

Cadeira nº 23  
Patrono  
Paulo Autran



**Iris de Oliveira  
Verzaro**

Cadeira nº 3  
Patrono  
Casimiro de Abreu



**João Batista**

Cadeira nº 22  
Patrona  
Clarice Lispector



**Lori Santos**

Cadeira nº 31  
Patrono  
Rubem Alves



**Marlei Camanhes  
de Oliveira**

Cadeira nº 6  
Patrona  
Hilda Hilst



**Neusa Rossi  
Cevalhos**

Cadeira nº 12  
Patrono  
Guimarães Rosa



**Odete Moscospki**

Cadeira nº 5  
Patrono  
Aleijadinho



**Samuel Moscospki**

Cadeira nº 1  
Patrono  
José Ademir Tasso



**ACADEMIA LOUVEIRENSE  
DE LETRAS E ARTES**



**@ALLA.LETRAS**



**ACADEMIA LOUVEIRENSE  
DE LETRAS E ARTES**





Ana Laura de Carvalho Patrão

Andrea Pelegrinelli

Aparecido Bi de Oliveira

Benedito Aparecido Corrêa

Carlos Miceli

Carlos Tiókal

Gida Reis

Darcio Calligaris

Débora Cunha

Diaçul Pagotti

Donizete Saraiva Deolindo

Edinéia Rocha

Eleide Reges

Gerson Domingos de Oliveira

Gil Leonardi

Giovanni Cunha

Iris de Oliveira Verzaro

João Batista

Júlia Fernandes Heimann

Kátia Regina Martins

Larissa Scomparim

Leonardo Tendário

Liah Albuquerque

Lori Santos

Marlei Camanhes de Oliveira

Neusa Rossi Cevalhos

Odete Moscospki

Samuel Moscospki

Sandra Regina Rossi

Sonia Baldo

Ubirajara de Souza Tavares

